



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Planaltina – FUP
Curso de Gestão Ambiental

**LEITURAS E COMPREENSÕES DE CERRADOPELA COMUNIDADE
DO ASSENTAMENTO DE RIO BONITO, EM CAVALCANTE, GOIÁS**

Angela Valdilena Velasco França

Brasília

2014

ANGELA VALDILENA VELASCO FRANÇA

**LEITURAS E COMPREENSÕES DE CERRADO PELA COMUNIDADE
DO ASSENTAMENTO DE RIO BONITO, EM CAVALCANTE, GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Planaltina como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Gestão
Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Irineu Tamaio.

Brasília

201

FICHA CATALOGRÁFICA

França, Angela Valdilena Velasco

Leituras e compreensões de Cerrado pela comunidade do Assentamento de Rio Bonito, Cavalcante – Goiás / Angela Valdilena Velasco França. Planaltina – DF, 2013. (71 f.)

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília. Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, 2014. Orientação: Prof. Dr. Irineu Tamaio

1. Assentamento Rio Bonito 2. Pertencimento 3. Representação Social de Meio Ambiente no Cerrado 4. Topofilia

I. França, Angela Valdilena Velasco.

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Planaltina – FUP
Curso de Gestão Ambiental

ANGELA VALDILENA VELASCO FRANÇA

**LEITURAS E COMPREENSÕES DE CERRADO PELA COMUNIDADE
DO ASSENTAMENTO DE RIO BONITO, EM CAVALCANTE, GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de Planaltina como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Irineu Tamaio.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Irineu Tamaio – Orientador
FUP/UnB

Prof. Dr. Philippe Pomier Layrargues – Membro
FUP/UnB

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva – Membro
FUP/UnB

Brasília, 27 de junho de 2014.

A Neri Vitor Eich, por me incentivar sempre.

AGRADECIMENTOS

Em especial ao professor orientador Irineu Tamaio por ter conduzido meus passos na direção certa, sempre disponível para esclarecer minhas dúvidas mostrando o caminho que deveria seguir para chegar ao objeto de concluir mais esta etapa na minha vida.

A minhas queridas irmãs Angela Valdiclei, Alany Fabiana e Leise Ariane por serem o que são: amigas e companheiras.

Aos Professores Vicente Elias Bernardi, Mônica Nogueira, Philippe Pomier Layrargues, Regina Coelly Fernandes Saraiva, por contribuírem para a minha formação.

Ao Professor Eduardo Yoshio Nakano, pelos esclarecimentos sobre estatística.

Ao colega Geraldo Martins, pelas observações feitas.

A Winie Vasconcelos, companheiro de projetos, por ter compartilhado angústias, alegrias e desafios.

À amiga Júlia Freire de Medeiros e aos colegas da segunda turma de Gestão Ambiental Martha Fellons Dourado, Jonathas Felipe, Samara Martins, Fábio, Caio Graco, Layra Emily e todos os outros que, de alguma maneira, me tornaram uma pessoa melhor.

Ao Instituto Sociedade Populações e Natureza, pela valiosa dotação, que tornou possível concretizar esta pesquisa.

Aos moradores de Rio Bonito, por nos receberem sempre de braços abertos, facilitando a realização deste trabalho.

“Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.”

Johann Goethe

RESUMO

Este trabalho é um mergulho no universo dos moradores do Assentamento Rural Rio Bonito/Órfãos, no Norte de Goiás, para entender as percepções e interrelações deles com o lugar e com o Cerrado. Os conceitos utilizados foram os de Pertencimento, Topofilia e Representação Social. Na pesquisa, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, com abordagem direta e coleta de dados por meio de interações e descrições de pessoas e lugares. A técnica para análise do material é a do Discurso do Sujeito Coletivo, que tem como foco captar as representações sociais, com fundamento na teoria da Representação Social. Consiste na sistematização de dados qualitativos por meio da tabulação dos dados. Para isso, foi empregada a ferramenta *Qualiquantisoft*, que auxilia na identificação das representações sociais. O trabalho identificou de que forma os moradores se apropriam do ambiente e interagem com ele e em que medida sua relação com o lugar lhes é relevante ou indiferente. Viu-se que essa tarefa, ao mesmo tempo em que é facilitada pelo fato de 70% dos entrevistados terem afeição pelo lugar e de 47% se sentirem pertencentes a ele, é dificultada pela precariedade da infraestrutura e pela carência de serviços públicos básicos no assentamento. Mas o senso de pertencimento e as representações sociais que as pessoas têm sobre o Cerrado podem ajudar a impedir a degradação ambiental. Ao mesmo tempo em que 29% demonstram, em suas respostas, manter com o Cerrado uma relação sustentável, e 30%, uma relação de fruição, é expressiva (32%) a parcela dos que não expressam uma compreensão conceitual do Cerrado. Para esses a interação com o bioma se dá puramente pela vivência. Quanto ao significado do Cerrado, as visões dos moradores são muito diversificadas – a maioria o vê como reserva ambiental (22%) ou tem dele uma visão utilitarista (22%). Outras visões são a beleza cênica (12%), o aspecto lúdico (6%). Chega a 13% o total dos moradores que vêem o Cerrado como área a ser desmatada para produção. As múltiplas formas de representação dos moradores com o Cerrado evidenciam que, na maioria, eles estabelecem uma relação de fruição com o ambiente e têm dele uma visão utilitarista, de aproveitamento do solo para agricultura e pecuária e de extração de madeira para construção. Na prática, aceitam que uma parte do Cerrado seja removida para o plantio e para a criação de gado. Outros têm o Cerrado como lugar de coleta de frutas e plantas medicinais. Ou seja, o bioma é de suma relevância para as pessoas, pois podem usufruir dos recursos naturais. Uma parcela mínima da comunidade considera o Cerrado irrelevante para reproduzir modos de vida. E alguns até vendem madeira, retirada da reserva legal, sem se preocupar com o replantio, como forma de conseguir renda para amenizar a situação precária em que vivem.

Palavras-chave: Assentamento Rio Bonito. Pertencimento. Representação Social de Meio Ambiente no Cerrado. Topofilia.

ABSTRACT

This paper explores the universe of rural settlers of Rio Bonito-Órfãos, Northern Goiás, in order to understand their perceptions and interrelations to the place and the *Cerrado* vegetation. The concepts used were that of belonging, topophilia and social representation. Semi-structured interviews were conducted during the research, with a direct approach, and data collected through interactions and descriptions of individuals and places. The technique to analyse the material is the Collective Subject Discourse, targeted to seize social representations, based on the Social Representation Theory. It consists on systematizing qualitative data by data charting. For this reason, the tool *Qualiquantisoft* was used in order to assist on identifying social representations. The research identified the way in which the settlers avail of, and interact with the environment and to what extent their relation with the place is either relevant or indifferent to them. It became clear that the task, while facilitated by the fact that 70% of the respondents have affection for the place and 47% feel belonging to it, is hampered by poor infrastructure and want of basic public services in the settlement. However, the sense of belonging and social representation that the individuals have towards the *Cerrado* may help preventing environmental degradation. While 29% displayed, in their responses, keeping a sustainable relation with the *Cerrado*, and 30% a relation of fruition, a large part of settlers fail to express a conceptual understanding of the *Cerrado*. For them, interaction with the biome takes place by experience only. Regarding the *Cerrado* significance, the perception of settlers are widely scattered – the majority of them sees it as an environmental reserve (22%) or favour an utilitarian approach (22%). Other views are that of scenic beauty (12%) and playfulness (6%). The percentage of settlers that see the *Cerrado* as an area to be deforested for production reaches 13%. The inhabitants' multiple ways of representation within the *Cerrado* highlight that most of them set up a fruition relation with the environment and have a utilitarian view about the use of land for agriculture, livestock and logging for constructions. In practice, they accept that part of the *Cerrado* be removed for planting and cattle farming. Some of them see the *Cerrado* as a place for gathering fruit and medicinal plants. In other words, the biome is extremely important for the people because they can take advantage of natural resources. A small part of the community considers the *Cerrado* irrelevant for reproducing ways of life. And some of them even sell wood from the legal forest reserve, not taking into account the reforestation as a way of profiting to soften their precarious situation.

Keywords: Rio Bonito Settlement; Belonging; Environment Social Representation in the *Cerrado*; Topophilia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização do Assentamento Rio Bonito.....	15
Gráfico1 –	Origem dos assentados.....	40
Gráfico 2 –	Significado de lugar.....	58
Gráfico 3 –	Relação com o lugar.....	59
Gráfico 4 –	Significado de Cerrado.....	61
Gráfico 5 –	Relação com o Cerrado.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classes de frequência por faixa etária.....	39
Tabela 2 – Classes de frequência por tempo de moradia.....	39

LISTA DE SIGLAS

AC	-	Ancoragem
ASPASO	-	Associação dos Produtores Rurais do Projeto de Assentamento Rio Bonito
CPT	-	Comissão Pastoral da Terra
DSC	-	Discurso do Sujeito Coletivo
EA	-	Educação Ambiental
ECH	-	Expressão Chave
EMBRAPA	-	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	-	Estados Unidos da América
FUP	-	Faculdade UnB Planaltina
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	-	Ideia Central
INCRA	-	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISPN	-	Instituto Sociedade, Populações e Natureza
ONG	-	Organização Não Governamental
PA	-	Projeto de Assentamento
RS	-	Representação Social
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	-	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DESCRIÇÃO DO TERRITÓRIO	17
3 CARACTERÍSTICAS BIOFÍSICAS DA REGIÃO E DO ASSENTAMENTO	19
3.1 COMPONENTES GEOMORFOLÓGICOS	19
3.2 SOLOS, VEGETAÇÃO E RECURSOS HÍDRICOS	20
4 CONSTRUINDO A RELAÇÃO COM A PESQUISA.....	22
5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	23
5.1 REFERENCIAL TEÓRICO	23
<i>5.1.1 Conceitos de Pertencimento, de Topofilia e de Representação Social</i>	<i>25</i>
<i>5.1.2 O conceito de Representação Social</i>	<i>27</i>
<i>5.1.3 O conceito de Topofilia</i>	<i>31</i>
5.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO	33
6 ANÁLISE E RESULTADO DAS REPRESENTAÇÕES	42
6.1 A COMPREENSÃO DE LUGAR PELOS MORADORES	42
<i>6.1.1 A topofilia da comunidade.....</i>	<i>42</i>
<i>6.1.2 Lugar de sonho e desilusão</i>	<i>45</i>
<i>6.1.3 Um lugar de referência e identidade.....</i>	<i>47</i>
<i>6.1.4 Lugar de memória e valorização da vida rural.....</i>	<i>49</i>
<i>6.1.5 A relação de gênero no lugar.....</i>	<i>49</i>
6.2 AS REPRESENTAÇÕES DE CERRADO PELOS MORADORES	50
<i>6.2.1 Cerrado como reserva ambiental.....</i>	<i>50</i>
<i>6.2.2 Cerrado serve para o gado descansar</i>	<i>51</i>
<i>6.2.3 O Cerrado não significa nada.....</i>	<i>52</i>
<i>6.2.4 O Cerrado é o lugar</i>	<i>52</i>
<i>6.2.5 Cerrado como biosfera.....</i>	<i>53</i>
<i>6.2.6 O Cerrado é natureza boa e bela</i>	<i>53</i>
<i>6.2.7 O Cerrado é diversão</i>	<i>54</i>
6.3 TIPOS DE RELAÇÕES COM O CERRADO	55
<i>6.3.1 Relação de fruição.....</i>	<i>55</i>
<i>6.3.2 Relação sustentável</i>	<i>56</i>
<i>6.3.3 Relação de distanciamento.....</i>	<i>58</i>
6.4 RESULTADO	59

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

No Assentamento Rio Bonito-Órfãos, no Norte de Goiás, o Cerrado vem perdendo espaço com o desmatamento, a erosão do solo e a criação de gado, fatores que a médio e longo prazo podem ameaçar os recursos hídricos e a biodiversidade. Esses problemas acontecem numa comunidade em que as pessoas têm fortes ligações com a terra e se mostram receptivas à adoção de práticas de produção sustentáveis.

O Cerrado é um dos biomas mais ameaçados pelo desmatamento, feito principalmente para abrir espaço à produção agropecuária. É um dos biomas com a biodiversidade mais ameaçada do planeta e um dos que mais perdem espaço natural com a fragmentação de ecossistemas. Sua ocupação se deu com o declínio das terras agricultáveis no Sul e Sudeste do Brasil e com o aumento da população no meio rural nessas regiões (KLINK; MACHADO, 2005).

No Planalto Central, as políticas de incentivos à ocupação foram adotadas para acabar como o vazio demográfico¹, a partir da década de 1970. Dar subsídios e assistência técnica aos pecuaristas interessados em adquirir terras na região era uma dessas medidas. Nesse período, grandes áreas de fazendas foram ocupadas no Sul do Estado de Goiás. A localização e a facilidade de acesso aos grandes centros urbanos impulsionaram essa ocupação (SANO et al., 2010).

A construção de Brasília e a abertura da Rodovia Transamazônica, ligando a Região Norte às regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, aceleraram ainda mais a ocupação do Cerrado no Planalto Central e tiveram como consequência a redução da biodiversidade. Foram ações políticas de estímulo ao desenvolvimento econômico no interior do país que resultaram em aumento da migração para a nova Capital. De lá para cá, a agropecuária e a abertura de rodovias para o escoamento da produção, principalmente de grãos, são atividades econômicas de maior impacto no Cerrado (BUSCHBACHE, 2000).

Na microrregião do Sul de Goiás, onde a topografia – com áreas planas e suavemente onduladas – favorecia a agricultura mecanizada, a ocupação foi mais intensa, e a concentração de terras, acentuada. As famílias que viviam da agricultura de subsistência foram vendendo suas terras aos grandes empresários do setor que necessitavam de mais áreas para expandir o

¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) considera a distribuição espacial da população no território nacional descontínua, com a existência de “vazios” no interior do país e densa povoação litorânea. Esse vazio está relacionado a extensas áreas de baixa densidade demográfica (até 1 habitante/km²) e abrange principalmente as Regiões Norte e Centro-Oeste. Nessas áreas, a atividade era basicamente pastoril/mineradora, com baixo índice de ocupação. No entanto, segundo Soares (2002), isto não quer dizer áreas desprovidas de populações, mas do aparato jurídico do Estado para dar legitimidade a esses espaços.

agronegócio. A modernização agrícola trouxe desenvolvimento econômico para a região, mas também gerou uma enorme desigualdade no campo, que culminou com êxodo dos agricultores locais, pois a política desenvolvimentista estava destinada aos grandes produtores de gado e soja (BUSCHBACHE, 2000).

A expansão agrícola registrada no Sul de Goiás graças à mecanização da produção não se repetiu no Norte do Estado, apesar das medidas políticas que visavam, em um primeiro momento, desenvolver a microrregião e, em outro, promover sua conservação com a criação, na década de 1980, do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros. O parque abrange os municípios de Alto Paraíso, São Jorge, Teresina de Goiás e Cavalcante. Sua criação gerou conflitos com proprietários de terras por representar entraves legais à prática de atividades econômicas que impactam seu entorno (BUSCHBACHE, 2000).

Além desses entraves legais, a topografia do Norte goiano é pouco apropriada para atividades mecanizadas. E, por estar distante das rodovias que dão acesso aos polos industriais, a microrregião se apresenta menos atrativa para o agronegócio. Segundo estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), esse conjunto de características pode ter contribuído para a preservação de um elevado índice de vegetação natural nesses municípios (BUSCHBACHE, 2000).

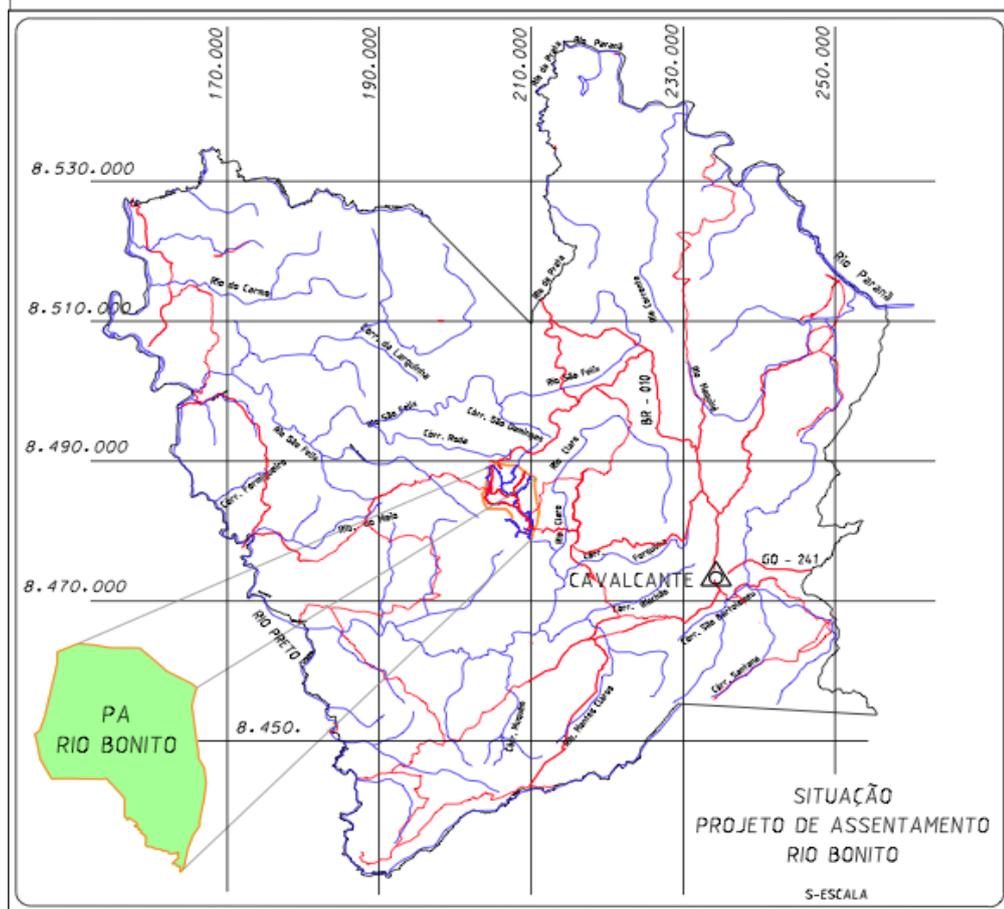


Figura 1 – Localização do Assentamento Rio Bonito no Norte do Estado de Goiás

Fonte: INCRA (2006).

É na mesorregião Norte de Goiás que se encontra o Assentamento Rio Bonito-Órfãos, de 4.887 hectares, situado na microrregião da Chapada dos Veadeiros, cercado por morros e colinas, a 45 quilômetros da sede do município de Cavalcante, numa área onde se situava a Fazenda Órfãos. Antes da desapropriação dessa fazenda – processo iniciado em 1996 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) –, suas terras estavam ocupadas por posseiros.

Passados 18 anos desde sua implantação, o assentamento encontra-se ainda em estágio de instalação. Isto quer dizer que precisa vencer algumas etapas no processo de classificação de Projeto de Assentamento (PA) para os moradores terem direito à titularidade da terra. Essa classificação faz parte da política do INCRA para fixar o homem ao campo e combater a pobreza. Segundo o documento intitulado *Para outra compreensão e ressignificação da Reforma Agrária*, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), o que existe no Brasil é uma política de assentamentos rurais e não uma reforma agrária propriamente dita. Na avaliação da CPT, o

que ocorreu foram “[...] desapropriações e assentamentos, que na maioria dos casos são programaticamente inviáveis [...]” (CANUTO, 2009, p. 9).

Por meio de uma avaliação da realidade socioambiental dos pequenos produtores assentados em Rio Bonito, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se propõe a analisar como ocorre o processo de interação da comunidade local com o Bioma Cerrado, a relação de pertencimento das pessoas com o lugar e em que medida ela favorece, ou não, o ambiente natural. O trabalho é um desdobramento das ações desenvolvidas nos anos de 2011 a 2013, durante a realização do Projeto de Pesquisa-Ação: Rio Bonito², com participação desta pesquisadora.

No Assentamento Rio Bonito, os moradores, em muitos depoimentos durante a Pesquisa-Ação e também ao longo da realização deste TCC, se queixaram do fato de estarem praticamente excluídos de políticas públicas, situação que pode se refletir negativamente no modo como fazem uso da terra e contribuir para a degradação do ecossistema local.

Em uma série de saídas de campo de alunos e professores da Faculdade UnB Planaltina (FUP) para conhecer a comunidade e realizar um estudo do solo e da geologia da área, constatou-se que era necessária uma ação capaz de desenvolver uma análise sobre as pessoas e o lugar onde estabeleceram ou tentam estabelecer raízes. Realizado o Projeto de Pesquisa-Ação, surgiu a ideia de se elaborar, com base em seus dados, o projeto de TCC, procurando, a partir das leituras de espaço-tempo (origem e território), identificar como os moradores do assentamento se apropriam do ambiente e interagem com ele e em que medida a relação que eles têm com o lugar lhes é relevante ou indiferente. Conhecer como se dá essa relação é importante no trabalho de sensibilização dos moradores para promoverem a conservação dos recursos naturais. O referencial teórico desta análise vem do conceito de Pertencimento, que se relaciona com a teoria da Representação Social. E ambos se complementam nas leituras desta pesquisa.

Utilizam-se aqui os conceitos de Representação Social e Topofilia como ferramentas metodológicas na análise e problematização das múltiplas leituras que as pessoas têm do ambiente natural. Esses conceitos contribuem para se avaliar quão próximas ou distantes as pessoas estão do ambiente e em que medida ele é importante para as suas vivências.

²O Projeto de Pesquisa-Ação: Rio Bonito aborda as condições socioambientais e as possibilidades de uso econômico sustentável da natureza. O eixo da pesquisa é o desenvolvimento de um projeto de empoderamento político dos assentados. Esta pesquisadora desenvolveu o projeto de pesquisa-ação, na comunidade, de outubro de 2011 a outubro de 2013, em parceria com o estudante de Gestão Ambiental da Universidade de Brasília (UnB) Winie Vasconcelos, com financiamento do Instituto Sociedade, Populações e Natureza (ISPN) e com participação da professora da FUP/UnB Regina Coelly.

2 DESCRIÇÃO DO TERRITÓRIO

As críticas da comunidade ao poder público estão centradas na precariedade e/ou falta de serviços básicos estruturais. São exemplos disso a inexistência de fornecimento de energia ao assentamento – embora a rede municipal de alta tensão passe a apenas 23 quilômetros de Rio Bonito – e a dificuldade de escoamento da produção local em consequência das más condições da única estrada de acesso dos assentados à sede do município, com pontes caídas e longos desvios. Além disso, a implantação do ensino fundamental completo na escola local – onde as aulas só vão até o sexto ano - é uma reivindicação antiga dos moradores até hoje não atendida. Os pais são obrigados a matricular em escolas de Cavalcante os filhos que precisam dar continuidade aos estudos. Essa deficiência dificulta a permanência das famílias no assentamento, já que, para as crianças não ficarem hospedadas sozinhas na cidade, as mães também se deslocam para o centro urbano e só retornam com elas ao assentamento no fim de semana. Grave também é a inexistência de um serviço de saúde em Rio Bonito, o que torna necessário o transporte dos eventuais doentes a Cavalcante e, nos casos mais graves, a Goiânia, Goiás, ou Brasília, Distrito Federal (VELASCO; VASCONCELOS, 2011).

Nesse cenário de dificuldades, os moradores desenvolvem uma economia de subsistência, e a atividade produtiva nas parcelas de terra não é exercida por todos. Alguns não podem trabalhar por causa da idade avançada ou de problemas de saúde. E entre as pessoas que retiram sua renda da exploração da terra, algumas fazem isso de forma não sustentável, com a extração de madeiras nobres do Cerrado. No longo prazo, essa prática pode agravar o processo de degradação dos recursos naturais e o empobrecimento da comunidade, inviabilizando a permanência de futuras gerações na comunidade.

Há também assentados que acabam indo trabalhar fora do assentamento, em uma atitude de reação à realidade econômica local e como única forma de complementar a renda da família. Alguns trabalham para vizinhos, outros prestam serviços em fazendas nos arredores ou em empresas da região. Com isso, acabam ficando boa parte do tempo fora do assentamento. Segundo Silva e Del Grossi (2000), o meio rural vem passando por transformações no modo de produção, as tarefas deixam de ser exercidas de forma integral e coletiva e passam a ocupar parte do tempo das pessoas e a ter um caráter mais individualizado dentro e fora do núcleo familiar. Em Rio Bonito, esse processo é percebido também na combinação de atividades agrícolas com não agrícolas (serviços de pedreiro, carpinteiro,

cozinheiro, atendente em pousadas etc.). Há vários assentados nessa situação. Um deles relata as dificuldades que enfrenta no assentamento:

Este ano o gado fomos obrigado a tirar, porque muitos morreu de fome. Este ano plantei lavoura, mas não deu muito, porque o mato não deixa, a capoeira é muita. Saio sempre para fora pra trabalhar: em fazenda, em construção, em pastaria, em Niquelândia (GO) e outros lugar. (Sujeito 4)

Essa estratégia do trabalho temporário fora do assentamento pode levar muitos ao abandono da terra, a médio e longo prazos, quando os vínculos com ela ficarem muito distantes.

Quando o empresário Amador Alves de Souza comprou a Fazenda Órfãos do fazendeiro chamado Jacinto, passou a ocupar também as terras altas da região serrana, conhecidas pelo nome de Santaninha, que aparentemente não tinham donos e eram habitadas e cultivadas por posseiros chamados “os baianos”. A partir de então, os posseiros das duas áreas, que viviam de uma pequena renda da criação de gado e da agricultura de subsistência, começaram a enfrentar sérios problemas. O novo dono das terras, de acordo com depoimentos de moradores mais antigos da região, não permitia a permanência dos posseiros nas áreas e passou a expulsar os que não queriam vender as posses. Aos poucos, expulsando moradores de uma fazenda e comprando posses de outra, Amador transformou as terras em uma só fazenda.

Em 1996, os posseiros moveram ação na Justiça reivindicando a transformação das terras em um Projeto de Assentamento (PA) rural nos termos da Reforma Agrária. Em 2001, os primeiros contratos com ocupantes da área foram assinados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que dividiu a área em 78 parcelas. Pelas terras do assentamento passam os rios Bonito e Santaninha e, na divisa sul, o Santo Antônio. As pessoas que tinham sido expulsas ou haviam se retirado da área para escapar da violência voltaram após a desapropriação das terras, e hoje muitas delas vivem no mesmo local onde nasceram e cresceram. Além disso, chegaram ao assentamento muitos agricultores procedentes de outros pontos do País. Com isso, o total de famílias no assentamento chegou a 68. Em 1998, os moradores criaram a Associação dos Produtores Rurais do Projeto de Assentamento Rio Bonito (ASPASO).

3 CARACTERÍSTICAS BIOFÍSICAS DA REGIÃO E DO ASSENTAMENTO

O Cerrado ocupa cerca de 1,5 milhão de quilômetros quadrados, e a maior parte concentra-se na Região do Planalto Central do Brasil. Sua extensão, se levadas em conta áreas periféricas de outros biomas, como Amazônia, Mata Atlântica e Caatinga e as faixas de transição, chega a 1,8 milhão ou 2 milhões de quilômetros quadrados (COUTINHO, 1990).

O Cerrado é o segundo bioma mais rico do País em biodiversidade. Há nele um conjunto de fenômenos interagindo – sazonalidade climática, fenologia e estratificação da vegetação em fitofisionomias –, os quais, em grande parte, estão ligados à variação dos solos, às suas características físico-químicas e ao tipo de drenagem. Este Cerrado é entrecortado por depressões periféricas e moldado pelas três maiores bacias hidrográficas do País: Tocantins-Araguaia, São Francisco e Prata (COUTINHO, 1978).

No Cerrado de Goiás, predominam as coberturas naturais, cerca de 28% das quais são de formações savânicas, com áreas extensas na porção Norte do Estado. A Microrregião da Chapada dos Veadeiros está incluída nessa porção, na qual se localizam os municípios de Campos Belos, Colinas do Sul, Nova Roma, São João da Aliança, Teresina de Goiás, Alto Paraíso de Goiás e Cavalcante, todos com elevado índice de preservação da cobertura vegetal natural, de formações herbáceas, arbustivas e arbóreas (SEMARH, 2013). Dentro da Microrregião da Chapada está o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, onde ficam os municípios de Alto Paraíso de Goiás e Cavalcante.

3.1 Componentes geomorfológicos

Há no relevo da microrregião estruturas geomorfológicas que intercalam morros e colinas que se estendem por todo território do assentamento. Em termos geológicos, o Grupo Araí (Formação Arraias) predomina ao sul, com rochas quartzitos, onde os terrenos são mais acidentados. A Formação Ticunzal está na base desse grupo, com veios associados ao mineral filito. Ao norte, na poligonal do assentamento, o Grupo Paranoá está presente em uma pequena faixa e apresenta relevo moderadamente acidentado com rochas de filitos e quartzitos. As paisagens mais abertas estão estruturadas em relevos relativamente suaves com declividades que variam de 2% a 7% até valores de 8% a 20% e cotas entre 600m e 1000m (SEAGRO, 2009).

As terras altas do Rio Bonito, conhecidas pelos moradores do assentamento como Cerrado, formam a Serra do Tombador, que ainda conta com um índice relativamente alto de cobertura vegetal, mas já exhibe áreas desmatadas, inclusive em encostas e topos de morros. Os níveis de degradação nos morros, assim como nas parcelas mais planas do assentamento, são, na maioria, herança da época da fazenda, mas há também clareiras abertas na mata pela persistência da prática de alguns moradores de retirar madeira para construção de casas e currais e para abertura de pastagens e de roçados. Além disso, conforme relato de assentados, há casos de venda ilegal de madeira.

3.2 Solos, vegetação e recursos hídricos

Os solos no assentamento estão em uma escala de fertilidade que vai de média a baixa, de acordo com o uso. Nos de média fertilidade, estão os argissolos vermelho-amarelados. Nas áreas de baixa fertilidade, os neossolos litólicos (nova classificação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA) apresentam terrenos arenosos pouco desenvolvidos na camada superficial (EMBRAPA, 2006). No entanto, nas fendas das rochas, com a presença do mineral xisto, as plantas conseguem se desenvolver. Esses solos arenosos estão presentes em muitas áreas de Rio Bonito. Nas parcelas dos assentados, boas condições físico-químicas são encontradas principalmente em áreas planas, onde está um número menor de moradores. As boas condições estão associadas ao mineral filito, que dá ao solo uma composição mais argilosa. Nas partes mais elevadas do assentamento registram-se também os cambissolos, que diferem do neossolo litólico e contam em sua estrutura com os minerais xisto e filito, que tornam esses solos mais férteis (SEAGRO, 2009).

Em Rio Bonito existem várias fitofisionomias de Cerrado: mata seca, mata de galeria, mata ciliar, cerradão, cerrado típico, cerrado ralo, cerrado rupestre e campo sujo. Nas áreas de difícil acesso, a vegetação encontra-se relativamente preservada do desmatamento. Entretanto, o frequente uso do fogo para abertura de roça ainda ameaça essas fitofisionomias. A fauna existente inclui animais ameaçados de extinção – como o lobo-guará –, morcegos, roedores e pássaros, importantes na dispersão de sementes. A seriema e outros animais controlam a população de pequenos vertebrados e de insetos. Integram essa paisagem as áreas antropizadas com agricultura e pastagens.

O Bonito é o rio mais importante do assentamento. Passa em 53 das 78 parcelas e dá nome ao lugar. São tributários dele o Santaninha, que percorre 18 parcelas, e o Santo Antônio, que passa por sete. Além deles, há o córrego Capão Comprido e o Córrego da Cachoeira e inúmeras nascentes ainda não mapeadas. A água é um recurso abundante e de acesso relativamente fácil para a maioria dos moradores. As casas são abastecidas com água das nascentes, transportada por gravidade. O que limita o uso da água no desenvolvimento da produção local é a falta de recursos financeiros para a manutenção das lavouras com irrigação e para proteger do pisoteio do gado os rios e suas margens.

4 CONSTRUINDO A RELAÇÃO COM A PESQUISA

A relação que os moradores estabelecem no lugar pode determinar a maneira como interagem com os ambientes natural e socioeconômico. Dessa interação as pessoas trazem consigo múltiplas visões acerca do ambiente, com vivências distintas – uma, como lugar, e outra, como espaço. A experiência pessoal, o aprendizado, a imagem e a memória formam a ideia das pessoas sobre a realidade (MACHADO apud OLIVEIRA; DEL RIO, 1996).

Os conceitos de Topofilia (TUAN, 1983) e Pertencimento (SÁ apud FERRARO JUNIOR, 2005) remetem ao lugar de identidade biográfica do homem com os elementos do espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem “uma história que se confunde com a história dos seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiro” (TUAN, 1983, p. 6). Tuan diz que o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar: “Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. No lugar, as relações íntimas e as externas somente podem ser compreendidas por meio da percepção, da experiência e dos valores.

A vida cotidiana e as relações sociais e de trabalho transcorrem no lugar. Há para com o ambiente de vivência um sentimento de pertencimento e valorização da cultura e da história. O espaço é algo distante, com o qual as pessoas não têm vínculos afetivos, mas que pode, no transcorrer da vida, se transformar em lugar quando lhe atribuem significados (MACHADO apud OLIVEIRA; DEL RIO, 1996). Isto depende em grande parte das lentes culturais de cada indivíduo. Na avaliação de Sá (apud FERRARO JUNIOR, 2005) e Lestingue (2004), o espaço, quando inserido em um sistema de desenvolvimento excludente, desvincula o ser humano de suas origens identitárias e o conduz ao “desenraizamento”, tornando-o individualista, com relações artificiais e sem responsabilidade para com o meio onde vive.

A hipótese construída com base no contexto da realidade socioambiental e econômica em que vivem os assentados é a de que o senso de pertencimento pode impedir a degradação ambiental no assentamento. Por outro lado, a situação precária de algumas famílias no lugar pode influir negativamente na relação delas com o ambiente e também favorecer o surgimento do senso de desenraizamento.

5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

5.1 Referencial teórico

É importante ressaltar a existência de inúmeros ensaios críticos e trabalhos científicos que tratam dos temas da Topofilia, do Pertencimento e da Representação Social (RS) nos estudos subjetivos de interação com a natureza como um processo de construção da identidade de um determinado ambiente, seja ele rural ou urbano. Entre esses trabalhos estão os de Tuan (1980), Oliveira e Xavier (1991) e Machado (apud OLIVEIRA; DEL RIO, 1996) sobre Topofilia; Ferrante (2000a; 2000b), Sá (apud FERRARO JUNIOR, 2005), Lestingue (2004) e Leff (2007) sobre Pertencimento; Moscovici (2003), Jodelet (2001), Reigota (1994), Vala (apud MONTEIRO, 1993), Arruda (2002), Xavier (2002), Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005), Azevedo (apud REIGOTA, 2008) e Minayo (apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995) sobre RS.

A ideia de desenvolver um projeto de Pesquisa-Ação na comunidade rural de Rio Bonito surgiu em setembro de 2010, durante uma das mencionadas saídas de campo de professores e alunos da Faculdade UnB Planaltina (FUP). No início das pesquisas para a realização do projeto, as conversas com os moradores eram informais, e já dava para se perceber a escassa atuação de políticas públicas no assentamento.

Nessas conversas, os moradores falaram da pobreza existente no local, da sensação de insegurança em relação aos direitos à moradia e à posse da terra, da inexistência de energia elétrica, do sistema de ensino fundamental incompleto e da insuficiência de incentivos financeiros do poder público para fixar os agricultores no assentamento e incrementar seu desenvolvimento. Nessa etapa, travaram-se os primeiros diálogos em que os moradores perguntaram a respeito das causas da erosão do solo em alguns terrenos e do assoreamento de rios e córregos e ficaram sabendo que a principal causa desses problemas é o desmatamento.

O presente estudo pode contribuir para a conservação do Cerrado a partir do entendimento do que ele representa para a comunidade, possibilitando a descoberta de novas percepções sobre o ambiente natural capaz de incentivar uma mudança de atitudes e valores, de modo a viabilizar a sustentabilidade do assentamento a longo prazo.

Durante a Pesquisa-Ação, o primeiro passo dado em favor da recuperação do Cerrado local foi a orientação para a construção de um viveiro de mudas nativas pela comunidade para reflorestar áreas degradadas nas parcelas dos moradores que quisessem participar dessa ação. Prontificaram-se a desempenhar essa tarefa 15 pessoas. As primeiras mudas foram produzidas

a partir de sementes doadas por esta pesquisadora, com a ressalva de que, nas etapas seguintes, os próprios envolvidos no projeto fariam a coleta das sementes. Desse modo, buscou-se fortalecer as relações sociais e a organização coletiva com a mobilização em torno do viveiro. Uma oficina de plantio foi administrada com esclarecimentos sobre métodos de quebra de dormência de sementes do cerrado, viabilidade das sementes e cuidados com as mudas no viveiro.

Projetos de extensão de instituições públicas nos assentamentos rurais precisam interagir com as comunidades para incentivar a participação ativa, seja nas escolas e/ou associações de produtores para reduzir os impactos causados por práticas seculares como o desmatamento (queimada e derrubada), que levam ao esgotamento do solo e prejudicam as fontes de água. Sem um manejo adequado desses e de outros recursos naturais, a segurança alimentar no assentamento pode ficar vulnerável.

No bojo dos objetivos definidos na Carta de Belgrado³, a Educação Ambiental (EA) é promotora da conscientização, do conhecimento, do comportamento, da competência, da capacidade de avaliação e da participação. No assentamento de Rio Bonito, a EA pode contribuir para se atingir esses objetivos – mediante incentivo à troca de saberes entre as instituições de ensino e pesquisa e a comunidade –, propondo aos assentados novas alternativas de produção que levem em conta a aptidão do lugar.

Os trabalhadores rurais, dentro da sua realidade e graças aos conhecimentos empíricos que têm do Cerrado, podem reforçar o sentido de pertencimento levando em conta as especificidades do lugar. Este trabalho busca identificar nas representações sociais as relações que ocorrem entre os assentados e a natureza, por meio da compreensão que eles têm do significado de Cerrado. Procura interpretar e analisar as múltiplas leituras que os assentados fazem dos ambientes biofísico e socioambiental e avaliar como interagem com esses ambientes. Para isso, foi necessário mapear os conceitos que os atores sociais possuem sobre o Cerrado, identificando e analisando as concepções dos moradores sobre o ambiente e suas relações com ele.

³ Convencionou-se chamar de “Carta de Belgrado” a reunião de especialistas em educação de diversas disciplinas realizada em Belgrado (ex-Iugoslávia, atual Sérvia) no ano de 1975. Cf. Reigota (1994, p. 292).

5.1.1 Conceitos de Pertencimento, de Topofilia e de Representação Social (RS)

Este trabalho recorre aos conceitos de Topofilia (TUAN, 1983) e de RS (MOSCOVICI, 2003) para analisar e problematizar o seu objeto de pesquisa. No entanto, o Pertencimento não se encontra moldado e concretizado em uma definição. Mais importante do que defini-lo, porém, é descrever onde encontra seu sentido mais amplo. A filosofia, a sociologia, a geografia humanística e muitos outros campos de estudo tornam interdisciplinar o sentido de Pertencimento, atribuindo-lhe vários significados, dependendo do enfoque que cada ciência lhe dá na intenção de quantificar a relação de identidade do homem com o meio ambiente.

Na sociologia de Durkheim, o Pertencimento pode ser caracterizado pela “solidariedade mecânica” e pela “solidariedade orgânica”. Na primeira, as pessoas são mais coletivas que individuais. Na segunda, são mais individuais que coletivas, mas, de certo modo, estabelecem algum tipo de vínculo com os demais membros da sociedade à qual pertencem, seja por escolha seja por algum tipo de coerção. (WEISS, 2008).

Nas teorias de Tönnies e Weber, o sentido de comunidade se assemelha ao de pertencimento quando abordam as relações sociais de um determinado grupo cujas bases estão fundamentadas nas ligações afetivas, identificadas na família, na vizinhança, na cidade e nos lugares. Esses autores entendem que as pessoas se sentem incluídas num lugar (território) que lhes é comum e ao qual se sentem pertencentes (MOCELLIM, 2011).

Na vertente da Ecologia Profunda, de Arne Naess, a noção de pertencimento adquire subjetividade, como fonte de conhecimento. Isto se dá pela empatia, desde que as pessoas reconheçam o Pertencimento como uma qualidade do mundo vivo e entrem em sintonia com essa subjetividade. De acordo com Sá (apud FERRARO JÚNIOR, 2005), no entanto, essa visão não prioriza o conhecimento lógico e objetivo.

A cultura transforma a relação de Pertencimento, busca dar-lhe o sentido de que a leitura do mundo natural determina a condição ambiental pela qual as pessoas são envolvidas e constroem suas percepções e interpretações do ambiente em que vivem (CARVALHO apud ZARZKZEVSKI; BARCELOS, 2004). A cultura influencia os indivíduos a terem determinados comportamentos, valores e sensações em relação à natureza. Grün (2009) acredita que essa influência pode ser estabelecida pela linguagem, na qual a compreensão da natureza se dá com a aproximação e o respeito pelo que ela é e representa. Desse modo, a linguagem proporciona uma interação simbiótica entre homem e natureza. O contrário disso

pode ser expresso pelo domínio da ciência moderna, que distanciou os indivíduos dessa compreensão.

Leff (2007) entende que apreender a complexidade ambiental exige uma reestruturação do pensamento em relação à crise socioambiental e uma reflexão sobre as origens dela. Neste contexto, é necessário rever os erros do passado, os quais, sob falsos argumentos, se transformaram em certezas ao longo da história. Na visão desse autor, esses erros conduziram ao rompimento de elos entre o homem e a natureza.

Essa avaliação de Leff (2007) sobre o assunto equivale à compreensão de Sá (apud FERRARO JUNIOR, 2005) sobre a crise socioambiental, que levou a uma ideologia individualista, transformando humanos em seres mecânicos, capazes de ignorar tudo o que não os beneficie diretamente. Sá (apud FERRARO JUNIOR, 2005) afirma que isso se deve ao desenraizamento cultural, causado pelo capitalismo, e a uma visão fragmentada do ser humano sobre si mesmo. A perda dos saberes tradicionais causou a degradação socioambiental e o rompimento da relação de pertencimento do homem ao seu meio. A mesma autora aponta um possível caminho para se superar a incapacidade política e reverter os riscos ambientais e a exclusão social. Afirma que é necessário transformar o padrão de conhecimento que prima pela representação idealizada no “milagre” da tecnociência e oculta a complexidade da vida. As estratégias para o enfrentamento dessa situação estão na área ambiental, com uma educação indutora das capacidades intrínsecas, que resgata do inconsciente coletivo a noção de pertencimento, mesmo que esta ainda não esteja racionalmente definida (SÁ apud FERRARO JUNIOR, 2005).

Santos (1999, pp. 18, 54 e 64) expõe sua visão de espaço “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”, nos quais os objetos compreendem tudo o que dirige a consciência e é dotado de essência e existência, enquanto os sistemas de ações “são processos dotados de propósitos”. Um exemplo disso é o trabalho do homem, que causa impacto à natureza e a modifica, como também a si mesmo.

A partir desses sistemas, dois enfoques distintos definem o espaço, um como relação de pertencimento, e outro, como dissociação geográfica, e com isso se criam vetores de “integração hierárquica regulada” para ilustrar essa afirmação. Nos vetores, as “horizontalidades referem-se ao cotidiano de todos, são as semelhanças de ações, a vida urbana e as relações campo-cidade” (SANTOS, 1999, p. 225). Nesse sentido, ainda segundo Santos, a concepção de pertencimento tem a ver com a vivência do homem, que lhe torna familiares as coisas e os objetos com os quais se identifica. Já as verticalidades são

reagrupamentos nos quais se localizam “áreas ou pontos a serviço dos atores hegemônicos, frequentemente distantes”.

Santos (1999) explica, por exemplo, que as empresas transnacionais criam uma separação entre a “escala da ação e do ator” e distribuem sua produção geograficamente exercendo controle a distância. O autor coloca como responsável pela reestruturação do sentido de pertencimento o fenômeno da globalização, que reformula o espaço vivido. A relação de pertencimento passa a ter outro significado na medida em que objetos e coisas se renovam a cada momento, “obrigando” o homem a construir uma nova ambiência até que se restabeleça o sentido de pertencimento.

O sentido de pertencimento definido por Ferrante (2000a) na abordagem da dinâmica e da mobilidade reforça o apresentado por Santos (1999, p. 272), ao adaptar esse sentido a assentamentos rurais, onde existe, segundo ela, uma profusão de saberes e experiências: “Identidades são construídas e reconstruídas, definidas e redefinidas, criadas e recriadas [...]”. Segundo Ferrante (2000a, pp. 2 e 3), a permanência do homem na terra, sua sobrevivência e sustentabilidade se refletem na “liberdade dos assentados (de) escolherem como desejam organizar o lugar, o espaço onde irão viver com a família”.

5.1.2 O conceito de Representação Social

O conceito de RS nasce na sociologia com Émile Durkheim e renasce na psicologia social com Serge Moscovici, que desenvolve todo o arcabouço teórico da RS, e é aprofundado por Denise Jodelet. A teoria da RS não se restringe ao universo da psicologia e ganha outros campos de estudo nas ciências humanas, por abordar aspectos psicossociais que refletem a relação entre indivíduo e sociedade – ideologia, sistemas simbólicos e atitudes – com temas diversificados como saúde, educação, gênero, meio ambiente etc. (ARRUDA apud MENIN; SHIMIZU, 2005).

Na sociologia de Durkheim, a RS baseia-se na manutenção de uma estrutura social coesa para preservá-la da desintegração e, assim, impor uma homogeneidade na forma de compreender o coletivo. Este autor via na RS uma forma de interpretar os fenômenos sociais complexos a partir de uma indução social da organização cognitiva de um grupo que de modo funcional age de acordo com elementos informativos ideológicos, de valores, de imagens etc. O conceito de RS é definido como uma rede de interações elaboradas e criadas por um determinado grupo com propósitos e procedimentos específicos idênticos (JODELET, 2001).

No entanto, na análise de Moscovici (2003), a RS tem uma estrutura dinâmica e heterogênea dentro de um universo de interações de comportamentos cíclicos. Este autor incorpora novas qualificações para a representação coletiva de Durkheim e passa a dar especificidade aos fenômenos sociais, tira a teoria do universo estático onde se encontrava para levá-la a fazer parte do momento presente de sociedades contemporâneas de características heterogêneas, mutáveis e suscetíveis a transformações. Os meios de comunicação têm prestado duplo papel – o de acelerar essas transformações que serão adaptadas pelas pessoas até estas fazerem parte do cotidiano e o de criar uma ponte entre os “sistemas unificadores”, que incluem atividades sociais, crenças gerais, ciências e ideologias oficiais.

Na teorização de Moscovici (2003), a RS é uma forma de conhecimento da realidade cotidiana e da atividade mental dos indivíduos ou grupos quando definem posições em relação a situações, pessoas, eventos, objetos e comunicações. É um conhecimento prático, que dá sentido a eventos normais e possibilita a construção social da realidade. Moscovici (2003) explica que, na RS, são atribuídas às pessoas as posições que ocupam na sociedade. Ela é sempre a “representação de alguma coisa ou de alguém”. Para o autor, essa representação traduz a realidade e nada tem a ver com cópia, reflexo ou imagem da realidade.

Segundo Jodelet (2001, p. 8), há na comunidade científica o consenso de que o conceito de RS é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” Jodelet considera que a RS está intrinsecamente ligada ao “saber do senso comum”, por influenciar nos processos cognitivos e na vida social. Nesse contexto, a autora reconhece na RS um relevante objeto de estudo que esclarece os fenômenos cognitivos e as interações sociais.

Para Jodelet (2001), existem duas formas de reconhecer a RS: pelos sistemas de interpretação e pelos fenômenos cognitivos. Nos estudos de RS, a primeira forma está relacionada aos processos de interações sociais que orientam e organizam a vida dos indivíduos. Nesse sentido, a comunicação exerce fundamental influência nos processos de difusão e assimilação dos conhecimentos e de maneira variada intervém nesses processos que incluem a definição identitária, o desenvolvimento, as expressões e as transformações individuais e coletivas. A segunda forma contribui fortemente para a aproximação das vidas mental individual e coletiva, já que elas associam o pertencimento social dos indivíduos ao afeto, às regras sociais, à interiorização das experiências e à moral. Assim, as representações

são vistas como o produto e o processo de uma apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicossocial da realidade.

Nesse sentido, fazem parte da estrutura do produto e do processo a Objetivação e a Ancoragem, dois geradores da representação que dão aspecto familiar ao que é estranho. O que é desconhecido e perturbador é reduzido pela Ancoragem a categorias e imagens comuns e transformado no sistema particular das pessoas. A Ancoragem, usando meios fornecidos pela RS, é função cognitiva essencial da Representação e tem por finalidade tornar familiar algo não familiar. Serve para classificar e dar nome a um objeto ou uma ideia que, por serem estranhos, parecem ameaçadores, e colocá-los no universo consensual.

A Objetivação é um processo que transporta para o mundo concreto, físico, algo puramente mental, intelectual e abstrato, que então passa a existir no mundo concreto, físico. É como se transformasse ficção em realidade (MOSCOVICI, 2003). Segundo este autor e também Jodelet (2001), quando o fenômeno abstrato da Objetivação se torna concreto a partir da vivência e da constatação de uma realidade, passa a ser algo natural, graças às imagens produzidas e aos objetos ou sistemas cognitivos nos quais se materializa por meio de símbolos e personificações.

Durkheim entende que a Objetivação é o processo que materializa as ideias e os conceitos e é definida como excesso de significações, que abarcam um amplo e heterogêneo campo que vai do conhecimento às crenças. As representações coletivas se manifestam em comportamentos individuais, mas influem na sociedade como um registro da “consciência coletiva”. Na visão de Durkheim, essas representações estão na estrutura organizacional e nos mecanismos de controle da sociedade, dando a ela equilíbrio e mantendo a ordem entre o individual e o coletivo (MOSCOVICI, 2003).

Nas suas obras, os autores expoentes da RS “alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas” (VALA apud MONTEIRO, 1993, p. 354). As características da RS são a funcionalidade e o caráter performativo. Na funcionalidade, o senso comum seria a realidade cotidiana do mundo vivido, apoiado no modelo da intersubjetividade e da integração social, e estaria em oposição ao saber científico, inserido numa lógica sistemática e sujeito a diferentes abordagens. A segunda característica – o caráter performativo – tem a ver com os sistemas de interpretação da realidade na qual o indivíduo se situa no mundo, organiza suas relações e orienta seu comportamento no meio social. Com isso, interioriza o que vivencia socialmente e constrói práticas e atitudes em relação a si e a outros (XAVIER, 2002).

Sobre a RS existem – por se tratar de um conceito transversal das ciências humanas – inúmeros trabalhos em diversas áreas. Entre eles, estão os de Reigota (2004), que toma como referência os conceitos de Moscovici e os aplica à educação ambiental. Ele entende que as representações sociais são construídas de forma compartilhada por diversos grupos sociais, os quais transformam sua realidade. Reigota (2004) parte de uma pesquisa que fez com um grupo de professores secundários das regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil. Analisa a influência de inúmeras formas de conhecimento existentes no grupo e conclui que, antes de qualquer ação de educação ambiental, é necessário um entendimento das representações sociais que as pessoas constroem. O autor encontra no grupo as “minorias ativas” de Moscovici, correspondentes à classe de indivíduos detentores de uma proposta alternativa de sociedade, dispersos em variadas áreas de atuação (REIGOTA, 2004).

Reigota (2004) considera que a noção de meio ambiente é difusa e variada e que, nisso, se assemelha ao conceito de RS. Este autor afirma que meio ambiente é o local “onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação” (REIGOTA, 2004, p. 14). Nesse contexto, o autor classifica a RS de “naturalista”, na qual o meio ambiente pode ser sinônimo de natureza, e os sujeitos são divididos em dois grupos – o primeiro, onde “os seres vivos habitam”, e o segundo, formado por elementos bióticos e abióticos ao redor do homem. Os “naturalistas” desse segundo grupo dão importância maior à concepção de natureza intocada, ou “primeira natureza”, onde o homem entra como elemento perturbador do ambiente. Já “uma natureza transformada pela ação humana” é considerada outra forma de RS – uma “segunda natureza”, onde o homem vive e interage em comunidade. O caráter científico das representações dos professores se divide em “equilíbrio ecológico”, mais sensível às questões ecológicas, e “sobrevivência dos homens”, de sentido naturalista (REIGOTA, 2004).

Ao abordar as representações sociais de meio ambiente, Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005) preocupa-se com os objetivos do educador ambiental para lidar com situa es que demandam meios apropriados de intervir na rela o das pessoas com o meio ambiente. Ela considera que o educador deve levar em conta que existe um espectro diversificado de rela es que abarca modos diversificados de compreender o meio ambiente e lidar com ele. Sauvé categoriza esses modos em Natureza, a ser apreciada e preservada; em Recurso, a ser gerido e repartido; em Problema, a ser prevenido e resolvido; e em Sistema, compreendido por quem com ele se relaciona, para tomar melhores decisões. Como lugar em que se vive, o meio ambiente precisa ser estudado e aprimorado. Enquanto “Biosfera”, afirma

Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005), é um macro-organismo (“Gaia”, como diz James Lovelock), é a Terra como matriz de vida.

Outras RSs do meio ambiente podem ser, na visão de Sauvé, um Projeto Comunitário, que mobiliza uma comunidade para trabalhar em conjunto; um Território, que exige das pessoas uma relação de integração com os seres vivos; e uma Paisagem, caso em que a relação se desenvolve localmente por um conjunto de dimensões que têm a ver com a “dinâmica de evolução histórica e seus componentes simbólicos” (SAUVÉ apud SATO; CARVAÇO, 2005, p. 319).

Azevedo (apud REIGOTA, 2008) sugere que as representações sociais seriam uma possibilidade teórica contemporânea que busca entender como as pessoas e seus coletivos interpretam os fenômenos sociais. Esta autora refere-se às RSs como fragmentadas, parciais e influenciadas por questões ideológicas veiculadas pela mídia. Assim, essas RSs, que refletem os conceitos sociais, históricos e culturais dos contextos onde os sujeitos vivem, são dinâmicas, sofrem alterações.

5.1.3 O conceito de Topofilia

A Topofilia pode ser definida como a ligação afetiva que o ser humano mantém com o ambiente em que vive. O termo é um neologismo. Em grego, a palavra *topus* significa “lugar”, e *filo* quer dizer amor, amizade, afinidade. A expressão topofilia foi criada por Tuan (1983) quando ele e outros geógrafos dos Estados Unidos da América (EUA), na década de 1960, questionaram o uso de um único critério – o da otimização econômica – na avaliação das ações do homem em seu contexto espacial. Eles passaram a incluir na Geografia as Ciências Humanas – como a Psicologia, a Antropologia, a História e, principalmente, a Filosofia – para alcançar o entendimento da condição de vida do homem e sua relação com o meio ambiente. Este tipo de análise trouxe para o campo da geografia uma nova forma de olhar para a dinâmica das relações socioespaciais. Os geógrafos inseriram desde então em suas pesquisas o cotidiano e a experiência dos sujeitos que diretamente integram um contexto histórico. (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010).

Nessa perspectiva, nasce a geografia humanista. A nova abordagem trata de problemas existenciais, com ênfase no lugar, onde a afetividade e a relação com o meio ambiente se processam de maneira intensa, com base na experiência. Os autores Tuan (1983), Oliveira e Xavier (1991) e Machado (apud OLIVEIRA; DEL RIO, 1996) caracterizam em suas análises

o meio ambiente em aspectos nos quais a Topofilia se fundamenta: percepção, atitude e visão do mundo.

A percepção do meio ambiente é possível por intermédio dos cinco sentidos e pelo que é transmitido ao homem por outros homens, pela escola, os livros, os meios de comunicação etc. O valor que as pessoas dão aos fatos, aos seres e ao ambiente resulta de sua percepção do todo. Atitude é a postura cultural que alguém adota em relação à realidade com base na experiência. E a visão do mundo se forma a partir de um sistema de crenças e também pela influência dos ambientes natural e social (TUAN, 1983).

Nos seus trabalhos, Tuan foi pioneiro em conceituar o lugar vivido – um mundo de significado organizado – e o classificou de “momento estático”. “Se víssemos o mundo como processo em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (TUAN, 1983, p. 198). Na definição deste autor, o lugar é um conceito estático que possibilita o encontro entre pessoas de experiências distintas para que sejam criados os vínculos afetivos e uma identidade espacial em comum. Na obra de Tuan (1983), a experiência constitui um importante meio de atuação e criação que viabiliza o aprendizado pela vivência. Na experiência, constitui-se a simbolização, que, indiretamente, é uma forma de acessar e conhecer a realidade. Para Tuan (1983), a experiência vai além da capacidade de percepção do ego, está direcionada para o mundo físico, onde a permanência no lugar é condição necessária para efetivar o aprendizado, do qual o sentimento e o pensamento fazem parte.

Um lugar passa a ter concretude quando é vivenciado totalmente, o que pode ocorrer de maneira direta, com o contato físico – como o prazer de sentir o ambiente, a água, o ar –, que remete a lembranças. E de maneira indireta, mais abstrata, conceitual, que remete à ideia de espaço – como sucede com pessoas das áreas urbanas que visitam esporadicamente um ambiente natural para contemplar a paisagem, sem vivenciar intensamente o lugar. Já as pessoas que vivem da agricultura, por exemplo, têm um apego, um amor mais forte à terra, não apenas porque a conhecem, mas principalmente porque a natureza significa sua fonte de vida e de renda (TUAN, 1983).

Um aspecto importante da Topofilia é a sensação de familiaridade. Essa sensação propicia a identificação de objetos e situações significantes que fazem parte do referencial dos sujeitos e lhes transmitem sentimento de apego ou rejeição. Essa sensação de familiaridade, pelos mais diversos motivos, se estende a objetos pessoais, à casa, à cidade, ao bairro, à paisagem, às montanhas e aos rios e florestas, desde os tempos remotos (TUAN, 1983).

O êxodo rural, que reduz velozmente a população do campo, parece reforçar sempre mais o contraste entre a vida nas cidades e a vida na roça. Na visão de Tuan (1983), é como se os aspectos positivos do ambiente rural exigissem uma anti-imagem – o ambiente urbano – para destacar a distinção entre um e outro. Quanto mais complexa se torna a vida nas cidades, que atrai a cada dia mais moradores de áreas rurais, maior tem sido o número de pessoas das metrópoles que se sentem atraídas para o sossego da natureza, embora sem o espírito de permanência no campo.

5.2 Referencial metodológico

Estetrabalho teórico-empírico tem como referencial teórico e metodológico o conceito de RS, que, segundo Minayo (apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995), diz respeito à visão de mundo que sustenta as pessoas a partir de seu próprio contexto e sua própria vivência. A relação de pertencimento da comunidade, sua percepção do ambiente natural e sua interação com ele estão associadas ao conceito de RS. Esses temas são tratados por Sá (apud FERRARO JUNIOR, 2005), Tuan (1983), Santos (1999) e Ferrante (2000a; 2000b).

Um dos recursos metodológicos escolhidos para a realização deste trabalho foi a abordagem direta, que possibilita acessar o universo de representações dos entrevistados e estabelecer com eles um diálogo livre e aberto para facilitar a comunicação. Assim, valorizou-se o contato direto, que abriu caminho para a compreensão dos fenômenos estudados a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Para Godoy (1995), o estudo qualitativo com essa metodologia prioriza a análise empírica dentro do ambiente natural em que o trabalho está sendo desenvolvido.

A abordagem direta permite ao entrevistador uma compreensão dos aspectos socioambientais nos quais a comunidade está envolvida. Os relatos do processo histórico da ocupação de Rio Bonito e Santaninha por posseiros (mais tarde, assentados) permitem uma reconstituição de parte importante do percurso que trilharam para conseguir uma parcela de terra e nela reproduzir seu modo de vida (com alterações). Sobre esses relatos históricos, Thompson (1992, p. 44) diz que a história oral “ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, propicia contato – e, pois, a compreensão - entre classes e gerações. E pode dar o sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época.”

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), criado por Lefevre e Lefevre (2012), é a técnica de análise de dados empregada neste trabalho, que tem como foco captar as representações sociais de um determinado grupo pesquisado – no caso, os moradores do

Assentamento Rural Rio Bonito-Órfãos. A técnica do DSC fundamenta-se na teoria da RS e consiste na sistematização de dados qualitativos por meio de sua tabulação. Segundo Lefevre e Lefevre (2012), o DSC possibilita reunir todos os discursos de forma sintética em um único depoimento que represente o compartilhamento, pelos indivíduos, de conteúdos e argumentos semelhantes. Esta técnica consiste na construção de Depoimentos Coletivos redigidos na chamada “primeira pessoa coletiva do singular”, criando-se assim uma espécie de “sujeito artificial”. A artificialidade, porém, só existe à primeira vista, já que são reunidos em um único depoimento todos os que apresentam conteúdos coincidentes (semelhantes), traduzindo-se, desta forma, as representações sociais dos sujeitos (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

A partir de uma série de procedimentos, o DSC, que tem como baseas Expressões Chaves (ECHs), as Ideias Centrais (IC) e a Ancoragem (AC), forma-se um conjunto homogêneo de discursos, dividido pela autora em categorias. A proposta do DSC é a de unir duas formas distintas de tratar os fenômenos estudados em uma pesquisa empírica de cunho social: as perspectivas qualitativa e quantitativa. A fusão dessas perspectivas de dimensões distintas resulta em outra: a qualiquantitativa.

Os dados coletados são tratados pelo programa de computador Qualiquantisoft®, desenvolvido para análise do material verbal dos discursos tomando-se por base a teoria do DSC. O software auxilia na identificação das RSs encontradas nos depoimentos. As representações sociais são metodologicamente computadas para extrair de cada uma as ICs, ou ACs com suas respectivas ECHs, semelhantes ou complementares, dando origem a um ou vários discursos sínteses, que, por sua vez, são reunidos em uma mesma categoria. Essenciais para a construção do DSC, as ECHs são partes do discurso que o pesquisador deve destacar para dispor do que é essencial do conteúdo do discurso ou da teoria embutida nele (LEVEVRE; LEVEVRE, 2012).

As ICs são utilizadas para se descrever e categorizar o sentido de cada uma das respostas analisadas e de cada grupo semelhante de ECHs. A AC tem a ver com o fato de que o autor do discurso expressa uma teoria, ideologia, crenças e/ou valores e, de forma genérica, tenta enquadrar tudo isso em uma situação particular. Mas nem sempre a AC está presente no material analisado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

Ao aplicar o método DSC para análise dos dados, esta pesquisa os divide em categorias, cada uma delas reunindo um conjunto de discursos semelhantes feitos por diferentes sujeitos. Cada categoria passa a formar um Depoimento Coletivo redigido na chamada “primeira pessoa coletiva do singular” e abordando dois conceitos: o lugar, com base nas teorias de Tuan, e o Cerrado, a partir da representação social de Moscovici e outros.

Cada categoria recebeu um nome relacionado às perguntas da pesquisa e ao conteúdo das respostas dos entrevistados.

No presente trabalho, foram feitas entrevistas semiestruturadas, com coleta de dados por meio de interações e descrições de pessoas e lugares na área de estudo. A pesquisa foi dividida em três momentos. No primeiro, a coleta de dados serviu para conhecimento do ambiente e identificação dos atores sociais. No segundo momento, foram feitas as entrevistas para avaliar a compreensão que os moradores têm do Cerrado, captar a percepção deles sobre o lugar e saber se possuem ou não sentimentos de pertencimento. No terceiro, completa-se um ciclo no qual é definida a estrutura da análise, centrada no DSC, para sistematizar os dados com o objetivo de agregar ao trabalho diferentes conjuntos de depoimentos semelhantes.

A técnica do DSC adotada por este trabalho traz no bojo das falas dos sujeitos o **significado** de lugar e Cerrado nos DSCs 1 e 3. Para apresentar a **relação** que os sujeitos estabelecem com o lugar e com o Cerrado, a pesquisa utiliza os DSCs 2 e 4. Nesses quatro DSCs, foram categorizadas em ordem alfabética as compreensões expressadas pelos moradores (vide Quadro 1). As falas que formam os DSCs obedecem à sequência lógica das expressões-chaves dos entrevistados. A sequência lógica foi definida de acordo com o conteúdo das expressões, de modo a reunir em um mesmo discurso um conjunto de falas coincidentes. Por isso, as frases incluídas em um DSC não coincidem obrigatoriamente com a sequência de números atribuídos aos sujeitos participantes da pesquisa. A análise se baseia nas respostas obtidas em entrevistas aplicadas na comunidade e se fundamenta nas seguintes perguntas-chaves: 1) Para você o que significa este lugar? – A intenção, com esta indagação, foi a de estimular as pessoas a falarem de forma livre, porém direcionada para o tema “lugar”, a fim de se descobrir suas percepções sobre o ambiente onde vivem e trabalham. 2) Qual foi o motivo que fez você vir morar no assentamento? – Para apurar o histórico de vida que levou o agricultor a se candidatar à posse de uma parcela de terra no assentamento. 3) O que o Cerrado significa para você? – Uma pergunta para se saber quais as representações construídas ao longo da vivência com o bioma – e 3) Como você convive com ele? – Para saber como se relacionam com o Cerrado.

Foram levados em conta os critérios de idade e tempo de residência no assentamento. Esses dois critérios são importantes para a avaliação da percepção, atitude e visão de mundo dos assentados. Não foram entrevistadas crianças. Segundo Tuan (1980), crianças ainda não desenvolveram completamente a habilidade para fazer uma distinção clara entre “eu e os outros” nem para entender nitidamente a significação da paisagem. Na aplicação do critério tempo de residência, foram considerados indivíduos que moram no assentamento há cinco

anos ou mais. Na visão de Tuan (1983), para se concluir que um indivíduo tem experiência em relação ao lugar, é necessário que ele tenha feito uma pausa nas mudanças de residência.

Quadro 1 – Categorias nomeadas com base nas representações da comunidade.

Para você, o que significa este lugar?			
DSC – 1 = Lugar	Categorias	A	Expressa afeição
		B	Frustração com o Estado
		C	Não respondeu
Qual foi o motivo que fez você vir morar no assentamento?			
DSC – 2 = Lugar	Categorias	A	Pertencimento
		B	Identidade com o lugar
		C	Identidade com a vida rural
		D	Acompanhar o marido
		E	Não respondeu
O que o Cerrado significa pra você?			
DSC – 3 = Cerrado	Categorias	A	Reserva ambiental
		B	Visão utilitarista
		C	Beleza cênica
		D	Natureza
		E	Lugar
		F	Desmatamento/produção
		G	Visão holística
		H	Lúdico
		I	Não respondeu
Como você convive com ele?			
DSC – 4 = Cerrado	Categorias	A	Relação de Fruição
		B	Relação Sustentável
		C	Relação de distanciamento
		D	Não respondeu

Fonte: A autora.

Para fazer a análise dos dados foram usados trechos dos relatos orais que refletem, de um lado, a forma como as pessoas percebem o lugar em que vivem e trabalham e, de outro, como se relacionam com o ambiente natural. É sobre esses dados que se desenvolve a problematização. Nela, a análise está centrada nos conceitos de Topofilia e Pertencimento propostos pelos autores Tuan (1980), Machado (apud OLIVEIRA; DEL RIO, 1996), Sá (apud

FERRARO JUNIOR, 2005), Ferrante (2000a; 2000b) e Santos (1994; 2005). Neste trabalho, esses conceitos são transversais, por apresentarem características semelhantes.

Na problematização, este trabalho faz uma análise das Representações Sociais da comunidade em relação ao Cerrado e procura identificar quais representações sociais os assentados têm do ambiente e como interagem com o meio. Para isso, recorre aos teóricos da RS, Moscovici (2003) e Jodelet (2001) e à RS de Meio Ambiente de Reigota (1994) e Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005). Do autor Reigota, o trabalho utiliza a classificação de RS como “naturalista”. De Sauvé, as RSs usadas nesta pesquisa são as de natureza, de sistema, de lugar, de paisagem e de biosfera.

Os relatos das pessoas do assentamento dão um panorama geral de como percebem o ambiente natural no lugar. Com isso, procurou-se, na problematização, caracterizar as representações sociais dos entrevistados, as quais, de um modo geral, são conhecimentos adquiridos com a experiência de vida, transmitidos por tradição, que orientam seus comportamentos e estabelecem uma visão da realidade de forma conjunta (JODELET, 2001). Essas representações nascem na comunidade e revelam aspectos do meio no qual ela existe.

As narrativas reproduzidas correspondem a relatos orais gravados e/ou anotados durante entrevistas pessoais nos meses de setembro e outubro de 2013. Na comunidade, onde vivem 78 famílias (em 68 parcelas de terra), foram entrevistadas individualmente 34 moradores – 21 homens e 13 mulheres, totalizando 34 pessoas. No Gráfico 1, abaixo, encontram-se os dados referentes à origem dos entrevistados.

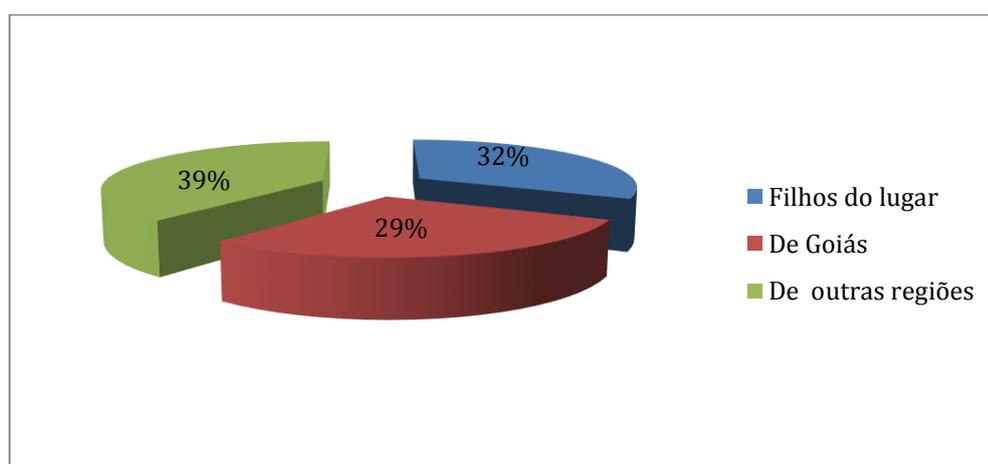


Gráfico 1 – Origem dos assentados.

Fonte: A autora.

A análise estatística do tempo de moradia e faixa etária está nas Tabelas 1 e 2. Para estabelecer estes dois últimos parâmetros, utilizaram-se os procedimentos estatísticos de ordenamento dos dados em rol, para determinar o número de classes com base na regra de Sturges, onde:

$$K = 1 + 3,3 \cdot \log n \rightarrow K = 1 + 3,3 \cdot \text{Log } 34 \rightarrow K = 1 + 6,16$$

Arredondando, tem-se:

$$K = 6$$

Onde:

N = número de pessoas entrevistadas.

A determinação da distância entre as classes é dada pela seguinte fórmula:

$$H = \frac{(X_i \text{ Max} - X_i \text{ min})}{K} \quad H = \frac{At}{K}$$

Onde:

H corresponde à amplitude das classes;

At = Amplitude total; e

K = Número de classes

Equação para o tempo de moradia:

$$H = (61 - 10) / 6 = 51/6 \rightarrow H = 8,5$$

Arredondando, tem-se:

$$H = 9$$

Equação para a idade:

$$H = (75 - 20) / 6 = 55/6 \rightarrow H = 9,16$$

Arredondando, tem-se:

$$H = 9$$

Tabela 1 – Classes de frequência por faixa etária.

Classes	Fi	Fi (%)
20 → 29	3	9
29 → 38	6	18
38 → 47	5	15
47 → 56	9	26
56 → 65	6	18
65 → 74	3	9
74 → +	2	6
Total	34	100

Onde: Fi = Frequência absoluta;

Fi (%) = Frequência absoluta em porcentagem.

Fonte: A autora.

Tabela 2 – Classes de frequência por tempo de moradia.

Classes	Fi	Fi (%)
10 → 19	18	53
19 → 28	4	12
28 → 37	2	6
37 → 46	2	6
46 → 55	7	21
55 → 64	1	3
Total	34	100

Onde: Fi = Frequência absoluta;

Fi (%) = Frequência absoluta em porcentagem.

Fonte: A autora.

De acordo com a Tabela 1, a classe etária mais significativa é a que vai dos 47 aos 56 anos. Representa 26% das pessoas entrevistadas. A segunda mais significativa é composta por duas classes, que correspondem às idades de 29 aos 38 anos e de 56 aos 65 anos. Somadas as frequências de idade mais significativas, as três classes mencionadas representam 62% dos entrevistados, totalizando 21 pessoas. Isto permite inferir que a maioria das pessoas nas faixas de 29 a 38 anos e de 47 a 65 anos têm mais representatividade no assentamento se comparadas às do segmento que vai dos 20 aos 29 anos.

A explicação para esse resultado tem a ver com as características do assentamento, onde vive um número maior de pessoas adultas que passaram dos 47 anos. Estas pessoas buscam permanecer na terra, enquanto os moradores mais jovens, na faixa dos 19 aos 29 anos,

são minoria na pesquisa por estarem em boa parte do tempo ausentes do lugar. Esses jovens são obrigados a permanecer na cidade de Cavalcante para completar os estudos, porque em Rio Bonito a escola só tem aulas até o sexto ano do ensino fundamental. Esta é, aliás, uma das principais queixas dos assentados quanto à carência de assistência do poder público ao lugar.

Na análise da Tabela 2 (tempo de moradia no assentamento), a classe que apresentou maior percentual foi a dos 10 aos 19 anos, com 53% das pessoas. A de segundo maior percentual está representada na classe dos 47 aos 55 anos, com sete pessoas. Estas classes somadas correspondem a 74% do total das pessoas entrevistadas. No entanto, a classe de menor representatividade no assentamento foi a dos 55 aos 65 anos de moradia. Isto permite inferir que só uma das pessoas entrevistadas permaneceu no lugar depois da desapropriação da fazenda. As pessoas com maior tempo de moradia no assentamento têm um perfil favorável ao estudo da Topofilia, por ser necessário um tempo de permanência no lugar, onde a experiência se dá no cotidiano, na relação direta do indivíduo com o meio ambiente no qual está inserido. Segundo Tuan (1980), esse tempo é essencial para um indivíduo desenvolver sentimentos de afeição ou rejeição ao meio ambiente. No caso de Rio Bonito, esse tempo foi primordial para despertar nas pessoas sentimentos topofílicos.

Cada entrevistado assinou, após responder às perguntas, um termo de autorização de gravação da conversa e de utilização de suas palavras em atividades acadêmicas com caráter exclusivamente científico. Dois dos moradores ouvidos não assinaram o documento por não serem alfabetizados. Perguntas abertas deram margem a respostas subjetivas, permitindo que o entrevistado se sentisse mais à vontade para expor seus pontos de vista. Perguntas fechadas – para possibilitar melhor análise posterior das respostas – foram feitas a respeito da idade do entrevistado, local de nascimento, vivências anteriores, atividades exercidas e tempo de moradia no assentamento.

As anotações de campo foram depois organizadas, o que permitiu sistematizar a gravação das narrativas e o conteúdo de relatórios para delimitar a argumentação. Isso contribuiu para se fazerem os recortes necessários dentro da possível multiplicidade de caminhos.

Em Rio Bonito, as pessoas, embora carentes de assistência do Estado, estão tentando reconstruir suas vidas, cada uma a seu modo. Elas têm uma compreensão própria do Cerrado e, em sua maioria, uma relação de interação com o ambiente. A pesquisa pretende mostrar esse quadro, mas, ao mesmo tempo, fazer uma análise dos mecanismos que paulatinamente estão conduzindo à degradação das matas nativas do assentamento. O recorte desta análise adota a abordagem quali-quantitativa e procura mostrar as experiências individuais dos sujeitos

envolvidos. Este tipo de abordagem é considerado adequado para se “aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

6 ANÁLISE E RESULTADO DAS REPRESENTAÇÕES

6.1 A compreensão de lugar pelos moradores

6.1.1 A topofilia da comunidade

Em Rio Bonito, há pessoas de diferentes regiões do País que demonstram trazer consigo culturas próprias e concepções sobre o lugar de origem, mas, uma vez instaladas no assentamento, podem ter adquirido um sentido de pertencimento a este lugar.

No universo do sertanejo oriundo de diversos ‘Brasis’ e da gente do lugar, o assentamento é a terra onde repousa a esperança de refazer a vida. Mas, em alguns momentos, quase todos os moradores se distanciaram de sua origem para viver na cidade.

O fato de serem áreas rurais os lugares de procedência da maioria dos moradores desperta neles o sentimento de identificação com a terra, onde podem reproduzir seus modos anteriores de vida e sentir-se acolhidos. Isso pode ser percebido nos depoimentos de várias pessoas reunidas e categorizadas para se formar um Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), dentro das Expressões Chaves (ECHs) encontradas. Exemplifica este argumento o DSC abaixo, enquadrado na categoria Topofilia e referente à percepção da comunidade em relação ao lugar:

O lugar é muito bom. Uma fonte de vida. Tem muita água. Não é tão quente, o clima é bom, com ar puro. Tudo o que se planta dá para colher. Adubo nós usa pouco. A terra é rica, e a água é boa. Este lugar é riqueza muita. Não tem riqueza melhor. Tudo de bom. Maravilha. Gosto de plantar e criar. Gosto muito dos meus vizinhos, são bons demais, das amizades e das coisas que a gente planta. Este lugar é maravilhoso, de tudo por tudo. Só as matas que o povo destruiu tudo. Hoje, gosto porque tem mais recursos. Importantemente é que vivo na tranquilidade. É um lugar de lazer. Amo este lugar. É de paz. Ninguém me perturba. Na cidade, tem bandido. Este lugar é que nem um pai meu e minha mãe. É tudo. Viche! Tudo na minha vida. Aqui fui criada, aqui tenho minha família, minha casa. Pra mim é bom demais, não vou me desfazer. Aqui é bom porque é tranquilo. Pode plantar, adquirir as coisas. Na cidade, não pode ter. Na cidade, tem muitas coisas, é bom pra estudar, pesquisar na internet. Este lugar é a independência. É sossegado. Quase não saio daqui. Precisamos é de assistência melhor do INCRA. É só isso. (DSC 1– Categoria A – Expressa afeição: Sujeito 2, Sujeito 4, Sujeito 5, Sujeito 7, Sujeito 10, Sujeito 11, Sujeito 12, Sujeito 13, Sujeito 14, Sujeito 15, Sujeito 16, Sujeito 17, Sujeito 18, Sujeito 19, Sujeito 20, Sujeito 21, Sujeito 22, Sujeito 23, Sujeito 24, Sujeito 25, Sujeito 26, Sujeito 27, Sujeito 28, Sujeito 29)

A percepção do mundo é possível pelos sentidos e pela aquisição do conhecimento (TUAN, 1980). É a visão do todo que leva as pessoas a valorizarem o ambiente, os seres humanos e os fatos. Para os moradores de Rio Bonito, o lugar é o ponto de referência que orienta suas vidas. Isto é reforçado pelo significado especial que dão a vários elementos que compõem a paisagem, como o ar, a água, o vento, os animais e, principalmente, a vegetação. Esses componentes têm a ver com familiaridade, e as pessoas interagem com os arredores. Para Carvalho (2009) e Tuan (1980), são vários os laços afetivos que envolvem contato corporal e resposta tátil: sentir o vento e o solo, respirar ar puro e beber água fresca. Os relatos captados pela pesquisa mostram essa percepção que os moradores têm do local. “(O lugar) Tem muita água. Não é tão quente, o clima é bom, com ar puro. A terra é rica, e a água é boa” (Sujeito 2 e Sujeito 5).

Para fazer sentido para o homem, a natureza é elaborada em esquemas cosmológicos nos quais os elementos naturais assumem, no mundo dos humanos, qualidades específicas de corporização ou de atuação. A cultura contribui para tornar isso um sistema de crenças que estão enraizadas no senso comum (TUAN, 1980). Pode-se identificar esse tipo de crença, por exemplo, em palavras que denotam sentimentos de devoção para representar o lugar, como no seguinte trecho, carregado de simbolismo: “Este lugar é que nem um pai meu e minha mãe. Isso aqui é meu pai e minha mãe. É tudo” (Sujeito 20). E, de maneira simples e sintética, outro trecho pode traduzir a cosmologia que o lugar significa: “Viche! Tudo na minha vida” (Sujeito 28). E uma fusão dos sentimentos de pertencimento e de busca da autonomia por intermédio da produção é manifestado na declaração “Este lugar é a independência” (Sujeito 22).

Os sentimentos topofílicos (TUAN, 1980) se interrelacionam com o conceito de Pertencimento (FERRANTE, 2000a; SÁ apud FERRARO JUNIOR, 2005) nas relações sociais da comunidade quando seus membros expressam ligações afetivas com outras pessoas do assentamento e com o lugar. As relações intensas são guiadas pelo sentimento ressaltado pela multiplicidade de adjetivos e pelos laços de amizade com a vizinhança, que possibilitam a construção de redes de solidariedade, exemplificadas por Santos (1999), que contribuem para dar significado ao lugar. Exemplos: “Gosto muito dos meus vizinhos, são bons demais, das amizades e das coisas que a gente planta” (Sujeito 16, Sujeito 23 e Sujeito 29).

A destruição das matas que existiam no passado é hoje motivo de queixa: “Este lugar é maravilhoso, de tudo por tudo. Só as matas, que o povo destruiu tudo” (Sujeito 11). No transcorrer do tempo, a sucessão de donos da área em que hoje está o assentamento mudou a

feição do lugar, onde a paisagem natural dominava tudo. Hoje, aquela paisagem não mais existe, mas permanece viva na lembrança de antigos moradores.

Há pessoas que consideram o assentamento uma espécie de refúgio seguro e aprazível: “Amo este lugar. É de paz. Trabalho é divertimento. Ninguém me perturba. Na cidade, tem bandido” (Sujeito 14). É uma demonstração de forte sentimento topofílico, marcado pela sensação agradável de vivenciar o lugar, o que se contrapõe ao ambiente da cidade, perigoso. O amor ao lugar proporciona momentos lúdicos durante os afazeres na roça. Segundo Tuan (1980, p. 113), este bem-estar físico envolve a pessoa de tal forma “como se fora parte do mundo”. A cidade é vista como um lugar difícil de viver também para os que não possuem recursos financeiros. Em contrapartida, no assentamento “É bom demais, é tranquilo. Pode plantar, adquirir as coisas. Na cidade, não pode ter” (Sujeito 23).

As pessoas com menos renda veem a cidade de maneira abstrata. Elas se sentem isoladas nas periferias, porque não dominam os códigos sociais da cidade e sua distribuição espacial. Vivenciam esse mundo exterior de forma indireta e são as que mais sofrem com as disfuncionalidades urbanas. Mas conseguem, mesmo que parcialmente, desfrutar de alguns dos benefícios que a cidade oferece (TUAN, 1980).

É possível, dentro da presente análise, encontrar distintas percepções que as pessoas de Rio Bonito têm da vida na cidade. Ela é idealizada como espaço de oportunidades por algumas pessoas. Para outras, com mais experiência de vida, a área urbana é um lugar de transição sem identidade. No assentamento, os jovens veem na cidade principalmente a possibilidade de inserção no mundo informatizado, que significa para eles um importante instrumento de interação e inclusão social, assim como a escola, o trabalho, a diversão e o consumo: “Na cidade, tem muitas coisas, é bom para estudar, pesquisar na internet” (Sujeito 18).

Essa Percepção da cidade foi discutida por Santos (1994) como um lugar “luminoso” idealizado pelos pobres, no qual procuram satisfazer suas carências de consumo material e imaterial, na busca de um futuro que possibilite também outras formas de participação, como a cidadania e a atividade política. Partir para a cidade grande faz com que as pessoas deixem para trás sua bagagem cultural e passem a incorporar outra, que lhes é estranha. Isto pode levá-las a uma completa alienação por estarem desconectadas da nova realidade e distantes do lugar que as faz se sentirem incluídas em um determinado meio.

Dentro do contexto de comunidades rurais, Queiroz (1973 apud DIEGUES, 2001), reforça a argumentação de Santos (1994) de que a adoção do consumo de produtos das cidades é o primeiro sinal de mudança de costumes no meio rural. O modo de vida camponês

sobrevivia melhor em lugares distantes do meio urbano. No entanto, com o tempo, os agricultores foram atraídos pela sociedade moderna e, nas cidades, passaram a viver em um estrato inferior.

Em Rio Bonito, num movimento inverso ao dos jovens, a maioria das pessoas de mais idade e de origem rural instalou-se no assentamento depois de ter passado algum momento da vida na cidade. Agora, esses adultos querem a tranquilidade e a segurança que não encontraram nem encontram nos espaços urbanos. Para eles, esses espaços não proporcionam completude.

Para Tuan (1980), o contato com a paisagem natural pode ser apreciado de várias maneiras. No entanto, o contato direto e duradouro é íntimo e propicia lembranças. No caso dos moradores, o sentimento topofílico é pautado por esse tipo de contato, que envolve construção identitária para os (procedentes) “de fora” e a reconstrução para os “filhos do lugar”. Ambos expressam profundo apego à terra, a que suas existências estão intimamente vinculadas. Nesse contexto, estabelecem com o lugar relações que se mostram intensas por estarem imersos em um ambiente que conhecem por inteiro, mas, ao mesmo tempo são contraditórias.

6.1.2 Lugar de sonho e desilusão

As percepções das pessoas diferem também quanto à familiaridade. No DSC1, categoria Topofilia, fica claro que a convivência diária possibilitou às pessoas desenvolverem sentimentos de afeição pelo lugar e entre elas. Em outros casos, há quem declare decepção e certa frustração. Daí surgem as contradições, reforçadas principalmente por fatores externos ao ambiente, que influenciam decisivamente a vida das pessoas, como, por exemplo, o fato de não se sentirem donos da terra por não possuírem a titularidade; a falta de infraestrutura, de fomento, de escola com ensino fundamental completo e de posto de saúde. Nos relatos a seguir, esse sentimento está atrelado à percepção e à atitude em relação ao meio ambiente em que as pessoas estão inseridas. A vida em Rio Bonito não deixa de causar para alguns uma sensação de frustração, expressa no DSC abaixo:

Este lugar significou muita coisa boa. Água, terra produtiva. Vivia contente. Foi felicidade. Hoje, não. A saúde ficou pouca. Financeiramente, não tô ruim, mas não tô contente. O agricultor tá esquecido, pelo menos no assentamento. Não tem energia, não tem estrada, não tem crédito. Estamos escravizados pelo Incra. A gente vive numa ilusão, vive no sonho pensando em uma vida melhor. O assentamento poderia ser melhor. Ter uma escola boa, estradas boas, energia e posto de saúde. É

um pouco triste. Falta infraestrutura. E às vezes tenho vontade de ir embora. Gosto daqui. Gostava mais. Hoje, penso em ir embora. (DSC 1 – Categoria B – Frustração com o Estado: Sujeito 8, Sujeito 3, Sujeito 1, Sujeito 9 e Sujeito 6)

As pessoas em Rio Bonito sentem-se impotentes por não conseguirem exercer democraticamente influência junto ao poder público para que promova melhorias no assentamento. Exemplifica esta realidade a escola com o Ensino Fundamental incompleto, que encurta o tempo de permanência dos jovens no assentamento e acaba prejudicando a unidade da família: “O assentamento poderia ser melhor. Ter uma escola boa, estradas boas, energia e posto de saúde. É um pouco triste. Falta infraestrutura. E às vezes tenho vontade de ir embora. Gosto daqui. Gostava mais. Hoje, penso em ir embora” (Sujeito 1, Sujeito 9 e Sujeito 6).

O Pertencimento abordado por Ferrante (2000a) está em permanente construção pelos assentados – nos costumes, nos saberes e nas habilidades–, o que faz com que exerçam o senso prático como estratégia de sobrevivência e resistência. No entanto, segundo aquele autor, em muitos casos o agricultor está distante do padrão de acumulação financeira. Isto tem relação com a falta de infraestrutura no assentamento, de assistência técnica e de financiamentos à safra e ao escoamento da produção. Suprir essas carências incentivaria a permanência do agricultor no campo. Mas, muitas vezes, os assentados têm dificuldades para lidar com a burocracia estatal, ficam contrariados, e alguns, sentindo revolta. Mas, ao mesmo tempo, sem forças para modificar a situação, sentem-se “escravizados” a uma situação precária e até desiludidos, como expresso no seguinte trecho: “Não tem energia, não tem estrada, não tem crédito. Estamos escravizados pelo INCRA. A gente vive numa ilusão, vive no sonho pensando em uma vida melhor” (Sujeito 8 e Sujeito 3).

O avanço da idade e o declínio das condições de saúde causam sensação de vulnerabilidade em algumas pessoas e dúvidas quanto à possibilidade de permanência no lugar. No meio rural, isso é mais evidente quando o agricultor não consegue mais desenvolver as atividades de antes e passa a sentir um misto de nostalgia e impotência por causa das limitações físicas. E as pessoas transformam a afeição nutrida pela intimidade com o lugar em distanciamento, por não poderem mais vivenciar o ambiente como um todo. Isso está evidente nesta declaração: “Este lugar significou muita coisa boa. Água, terra produtiva. Vivia contente. Foi felicidade. Hoje, não. A saúde ficou pouca. Financeiramente, não tô ruim, mas não tô contente” (Sujeito 8).

6.1.3 Um lugar de referência e identidade

Muitos moradores estabeleceram fortes vínculos identitários com o lugar. A longa permanência na área possibilitou que compreendessem profundamente seu território espacial. A experiência de viver em amplos espaços, como acontecia e ainda acontece em Rio Bonito, permite às pessoas estabelecer uma relação estreita com o ambiente. “O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona” (TUAN, 1983, p. 13). As pessoas, segundo Tuan (1980), ali se estabelecem com a intenção de permanecer e criam elos afetivos com o lugar, como nos trechos a seguir, impregnados da nostalgia dos tempos anteriores à chegada dos grandes fazendeiros:

Nasci e me criei aqui e moro até hoje. Minha mãe também nasceu aqui, era posseira antes da compra das terras pelo Amador, quando ainda não era nem fazenda, era mato sem dono. Aí, a gente ficou aqui, a gente criou a parcela. Aqui era tudo diferente, mata bruta, um morando longe do outro. Nem se via o sol, de tanta mata. Era bonito demais. As pessoas, cada quem fazia sua casa onde quisesse, fazia sua roça onde quisesse. E não tinha esse desbravamento que tem hoje. Aqui, você andava não era no sol não. Aí, foi entrando aqueles bichos poderosos, desapropriou todo mundo. A fazenda Órfãos era só de baianos. O verde cheirava. Era ótimo. Muita mata. Tinha de tudo. Cheiro bom. Aí, as pessoas venderam as terras pro Amador, que vendeu pro INCRA. E virou assentamento. (DSC 2 – Categoria A - Pertencimento: Sujeito 1, Sujeito 4, Sujeito 5, Sujeito 11, Sujeito 12, Sujeito 17, Sujeito 18, Sujeito 19, Sujeito 21, Sujeito 22, Sujeito 27, Sujeito 20, Sujeito 30, Sujeito 25, Sujeito 11, Sujeito 34 e Sujeito 14)

O tempo em que o lugar era “mato sem dono”, e todos faziam sua roça onde bem entendessem permanece na lembrança de muitos moradores que presenciaram a transformação da paisagem. Segundo Tuan (1980), o cheiro pode evocar lembranças do passado e trazer à memória sensações e imagens que reconstituem o lugar tal como era. Isto se deve à experiência sensorial, que não tende a mudar com o tempo. Um exemplo disso está no seguinte trecho: “A fazenda Órfãos era só de baianos. O verde cheirava. Era ótimo. Muita mata. Tinha de tudo. Cheiro bom. Aí, as pessoas venderam as terras pro Amador, que vendeu pro INCRA. E virou assentamento” (Sujeito 14).

Para Tuan (1980), a percepção do mundo pode envolver, além do olfato, todos os sentidos simultaneamente. Por intermédio dos sentidos, as pessoas podem acessar um rico repertório de informações e usar a experiência para instrumentalizá-las e entender o mundo. Na concepção daquele autor, o pensamento reflexivo é outra forma de trazer para o momento presente o passado, que, ao ser acessado, adquire existência mental. Complementa esse

raciocínio a imagem que vem à tona e reconstitui todo um ambiente do passado povoado de significado: “Aqui era tudo diferente, mata bruta, um morando longe do outro. Nem se via o sol, de tanta mata. Era bonito demais. E não tinha esse desbravamento que tem hoje. Aqui, você andava não era no sol não” (Sujeito 11 e Sujeito 34).

Os “filhos do lugar” são os descendentes dos antigos posseiros, geralmente parentes em primeiro grau ligados pelo casamento e por laços de amizade. Formam um grupo que resistiu à sucessão de fazendeiros, adaptou-se às mudanças que ocorreram ao longo do processo de transformação da fazenda em assentamento e constitui parte da história do local. Os casamentos entre primos possibilitaram às famílias a reprodução do modo de vida e lhes asseguraram a sobrevivência no lugar: “Nasci e me criei aqui e moro até hoje. Minha mãe também nasceu aqui, era posseira antes da compra das terras pelo Amador, quando ainda não era nem fazenda, era mato sem dono. Aí, a gente ficou aqui, a gente criou a parcela” (1, Sujeito 4, Sujeito 5, Sujeito 11, Sujeito 12, Sujeito 17, Sujeito 18, Sujeito 19, Sujeito 21, Sujeito 22, Sujeito 27, Sujeito 20, Sujeito 30).

Alguns “filhos do lugar” tiveram a iniciativa de se retirar para a cidade quando os fazendeiros tomaram conta das terras, mas, quando souberam do projeto de implantação do assentamento, retornaram a Rio Bonito e se cadastraram para ter direito às parcelas de terra. Uma vez reinstalados na área, restabelece-se a sensação de pertencimento, o que, segundo Silva e Ferrante (2000a, p. 73), “leva o assentamento a ser uma unidade de resistência”. Essa resistência pode ser expressa no seguinte trecho do DSC: “Aí, foi entrando aqueles bichos poderosos, desapropriou todo mundo. INCRA queria despejar nós. Por quê? A terra não é pros pobres?” (Sujeito 14).

Para Santos (1999), o sentido de pertencimento pode ser reformulado para a construção de uma nova ambiência com o lugar. Isto se deve à dinâmica da vida, na qual todas as coisas tendem a estar em constante mudança, o que obriga as pessoas a reconstruir o sentido de pertencer. Muitos moradores no assentamento passaram por este processo. No depoimento a seguir, os sujeitos descrevem as trajetórias que seguiram até conseguir uma parcela de terra para se estabelecer no assentamento:

Fui criada aqui. Nasci em Cavalcante. Sempre morei em área rural. Vim pra cá porque onde morava era muito acidentado. Vim pra cá com meu pai. Veio vindo, trabalhando de fazenda em fazenda. Chegou aqui, fez um barraco quando houve o assentamento, ganhou um terreno, onde mora hoje. Ficar daqui pra acolá é ruim demais. Casei aqui. (DSC 2 – Categoria B - Identidade com o lugar: Sujeito 23, Sujeito 29, Sujeito 15, Sujeito 31 e Sujeito 28)

6.1.4 Lugar de memória e valorização da vida rural

Para os “de fora” – pessoas oriundas de diferentes regiões que veem no lugar a perspectiva de melhorar de vida –, o meio rural é um lugar de identidade, de memória, de referência e de valorização da cultura e do ambiente natural, onde a terra oferece meios de sobrevivência. Segundo Tuan (1980), a topofilia do agricultor vem da intimidade física e de sua dependência da terra, e a partir dela se constroem as lembranças. No assentamento, muitos trabalhadores expressam identificação com o meio rural, mas também certo descontentamento com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA):

Sempre toquei a roça dos outros. Decidi morar no Rio Bonito porque já mexia com roça. Gostei muito da ideia da mudança. Vim porque meu irmão já estava aqui. Primeiro, vim aqui passear. Depois vim com a mulher. Sempre fui da roça. Sempre gostei de trabalhar na roça. Cadastramos no INCRA, mas, hoje, o INCRA nada resolve. Crio galinha, porco, gado etc. Planto de tudo, milho cana, mandioca. Nasci e cresci em área rural. Toda a vida na roça. Quando batia a chuva (na cidade), me dava vontade de voltar pra roça. Toda a minha trajetória de vida e o restante de minha vida vai ser aqui. (DSC 2 – Categoria C – Identidade com a vida rural: Sujeito 3, Sujeito 2, Sujeito 16, Sujeito 26, Sujeito 32, Sujeito 24, Sujeito 10, Sujeito 6 e Sujeito 33)

Na análise de Tuan (1980), o agricultor pode ter uma atitude de devoção para com a terra, porque ela representa segurança. Isto pode ser percebido no seguinte trecho: “Nasci e cresci em área rural. Toda a vida na roça. Quando batia a chuva (na cidade), me dava vontade de voltar pra roça. Toda a minha trajetória de vida e o restante de minha vida vai ser aqui” (Sujeito 33).

6.1.5 A relação de gênero no lugar

Os diferentes estudos que abordam a questão de gênero no meio rural constataram que a mulher, apesar de trabalhar mais que os homens ou executar as mesmas tarefas, vivenciam condições de subordinação, sendo o homem, geralmente, visto como o responsável pelo sustento da família. Neste caso, é a sociedade que conduz a essa cultura, geralmente estruturada no patriarcalismo, em que o papel da mulher no ambiente rural é de natureza doméstica, associado à realização de várias atividades ao mesmo tempo, no cuidado com a casa e nos afazeres na roça. À mulher muitas vezes é atribuída a execução de tarefas como o

trato dos animais de pequeno porte, como porcos e galinhas, a ordenha das vacas e a participação na colheita dos produtos agrícolas (BRUMER, 2004).

Segundo Brumer (2004), mesmo que a mulher exerça múltiplas atividades no campo, seu trabalho torna-se praticamente invisível, porque está voltado para a manutenção do estabelecimento doméstico, enquanto o trabalho do homem se concentra na responsabilidade de gerenciar a propriedade e negociar com o mundo lá fora. Com isso, os homens estabelecem uma cultura hierarquizada e aceita de forma natural também pela mulher, como no exemplo abaixo, em que ela entende como cumprimento de um dever o fato de acompanhar o marido: “Meu esposo conseguiu uma parcela (de terra). E, sabe como é, aonde o marido vai, a mulher vai atrás. Viemos quando já era assentamento, mas ainda não parcelado. Meu marido foi informado, veio primeiro, olhou e gostou” (DSC 2 – Categoria D – Acompanhar o marido: Sujeito 9 e Sujeito 13).

6.2 As representações de cerrado pelos moradores

6.2.1 Cerrado como reserva ambiental

Na análise que se segue, um dos objetivos é identificar, nos relatos dos moradores, elementos que caracterizam as RSs ancoradas nas obras dos autores Reigota (1994) e Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005), nas quais a interação social com o ambiente natural é elemento chave. Outro objetivo é identificar a Topofilia presente na comunidade para definir como se dá a interação entre ela e o Cerrado. Esta relação pode ser percebida nas interações práticas das pessoas com o Cerrado, como a utilização dos recursos naturais. Elas se referem, por exemplo, a determinadas plantas como fontes de remédios, a certas árvores como matéria prima para construção da moradia e aos frutos como alimentos. São práticas que possibilitam a reprodução de modos de vida e de comportamentos simbólicos. O Cerrado é o palco das interações socioeconômicas e culturais. Nele, há uma profusão de representações construídas pela vivência com o ambiente.

Este trabalho, partindo das caracterizações de Reigota (2004) e Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005) sobre a representação do ambiente natural, identificou nos depoimentos a visão naturalista, na qual o Cerrado é sinônimo de natureza e serve para ser apreciado, respeitado e preservado, enquanto o homem é visto como elemento perturbador desse ambiente. Neste sentido, veja-se o que dizem:

O Cerrado é bom porque a utilidade é conservar. É uma área de preservação. Serve só pra reserva, para preservação. Não mexo. É acidentado. Pode ser aproveitado para extrativismo. Tem que ser reserva ambiental. Tem que trabalhar nele, tem que plantar. No Cerrado, tem gente que põe o gado. É ruim. porque o gado come o capim, e na seca o capim não brota. Por mim, o gado não subiria lá onde é mais de 45 graus de inclinação. É o que manda a lei. Se pudesse, até plantaria alguma árvore que falta lá, porque o gado estraga muito, faz trilheiras que duram até 100 anos. (DSC 3 – Categoria A - Reserva ambiental: Sujeito1, Sujeito 8, Sujeito 10, Sujeito 11, Sujeito 16 e Sujeito 26)

A visão de que o homem é o elemento perturbador fica explícita no trecho “No Cerrado, tem gente que põe o gado. É ruim. Porque o gado come o capim, e na seca o capim não brota” (Sujeito 31). Mas essa consciência não parece ser suficiente para a adoção de uma atitude a favor da conservação do bioma: “Por mim, o gado não subiria lá onde é mais de 45 graus de inclinação. É o que manda a lei. Se pudesse, até plantaria alguma árvores que falta lá [...]” (Sujeito 16). E falta compreensão do que seja reserva ambiental: “(O Cerrado) tem que ser reserva ambiental. Tem que trabalhar nele, tem que plantar” (Sujeito 1).

A menção à variedade de espécies frutíferas e plantas medicinais existentes no Cerrado é tão recorrente nos depoimentos que a maioria parece sugerir que certas áreas deveriam ser reserva ambiental para extrativismo, como atividade natural para conservar os recursos naturais, coletando-os de forma sustentável para evitar uma possível escassez no futuro.

6.2.2 Cerrado serve para o gado descansar

No entanto, a percepção das pessoas sobre o Cerrado inclui, muitas vezes, não só o aproveitamento de árvores frutíferas e plantas medicinais, mas também a criação de gado na serra como se não fosse uma atividade com potencial de degradar o ambiente local. É o que se constata nas observações de muitos assentados:

O Cerrado é muito bom. E este tempo, então, que é do caju! E pequi. E tem tantas outras frutinhas! Várias coisas de sobreviver. No meu pensar, o Cerrado serve pra um bocadinho de coisa: sustento, lazer, usar pra remédio e um bocadinho de outras coisas. Serve pro gado descansar do capim daqui de baixo e comer capim agreste. Acho que o gado não prejudica o Cerrado. Nos lugares mais altos, o capim é até melhor.(O Cerrado)Significa muita coisa boa. (DSC 3 – Categoria B - Visão utilitarista: Sujeito 2, Sujeito 12, Sujeito 18, Sujeito 19, Sujeito 24, Sujeito 28, Sujeito 27 e Sujeito 24)

Historicamente, a agropecuária sempre esteve presente na vida do sertanejo, mesmo quando o ciclo do ouro estava em alta. A adaptação do gado às várias fisionomias do Cerrado possibilitou que sua criação fosse feita de forma extensiva, em grandes propriedades (ALMEIDA, 2003). Segundo Rigonato e Almeida (2003), a cultura do sertanejo goiano está intrinsecamente ligada à criação de gado, feita de forma extensiva nos campos do Cerrado, e nas práticas agrícolas de subsistência, na coleta de plantas medicinais, de frutos e de madeira. Sua sobrevivência depende desses recursos, assim como a manutenção de suas relações socioculturais.

A convicção forte de que a pecuária não prejudicaria o Cerrado no assentamento está expressa nesse trecho: “O Cerrado serve pro gado descansar do capim daqui de baixo e comer capim agreste. Acho que o gado não prejudica o Cerrado. Nos lugares mais altos, o capim é até melhor” (Sujeito 28).

6.2.3 O cerrado não significa nada

O cultivo da terra como meio de subsistência é razão para um sentimento mais forte de pertencimento, uma identificação com o lugar e com a atividade agrícola, mas para algumas pessoas o Cerrado pouco representa além da possibilidade agrícola e se restringe à formação da lavoura. Entendem como Cerrado o ambiente restrito ao que está “no morro”. Para alguns, é “capoeira”, “mato” e “serra” e, por isso, não veem mal algum em substituí-lo por algo que traga benefício. Isto é exemplificado pela seguinte representação: “O Cerrado não significa nada. Significa desmatamento para a lavoura. Era desmatado, mas ainda produz sem adubo. No meu lote, não tem Cerrado. Só tem capoeira” (DSC 3 – Categoria C – Desmatamento/Produção: Sujeito 20, Sujeito 4, Sujeito 3 e Sujeito 31).

6.2.4 O cerrado é o lugar

A existência de pontos de convergência entre a representação social e o conceito de topofilia pode ser entendida na leitura que se faz do lugar. Nele existe um universo complexo e intersubjetivo (em que se vive a experiência do outro) onde a manifestação identitária e a necessidade de estabilidade se encontram e possibilitam aos sujeitos explorarem o espaço

social de maneira intensa, deixando emergirem percepções do ambiente em que estão inseridos.

A existência desses pontos de convergência está de acordo com a definição de Reigota (1994) da representação de “lugar”, ambiente de reprodução sociocultural em que as pessoas se sentem integradas em um universo comunitário. Esta representação pode ser percebida na vivência direta dos moradores com o Cerrado, fazendo desse ambiente um lugar de identidade, ao qual se sentem pertencentes: “É tudo de bom, muito diferente. Tem mais felicidade. Tem o ar mais puro. A gente respira melhor. É tranquilo” (DSC 3 – Categoria D – Cerrado sinônimo de lugar: Sujeito 7, Sujeito 23).

6.2.5 Cerrado como biosfera

Reigota (2004) considera a “segunda natureza” uma representação social transformada pela ação do homem. Semelhante a esta representação é a de Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005), que concebe o meio ambiente como um sistema. Neste ponto, a educa o ecológica   fundamental, permite que se conheça a respeito de toda a diversidade, a riqueza e a complexidade do meio ambiente. Essa educa o permite também às pessoas definirem seu próprio espaço dentro do ecossistema global (SAUVÉ apud SATO; CARVALHO, 2005). Segundo Carvalho (2009), isto pressupõe a transforma o das rela oes sociais e culturais no convívio solidário com a natureza, que possibilita a constru o dos modos individuais e coletivos de se viver. No assentamento uma minoria concebe o Cerrado em um pensamento sist mico para eles: “Significa a continua o da vida, porque o Cerrado   um dos biomas mais importantes. Se o Cerrado acaba, a bacia mais importante, que   a do Cerrado, vai pro espaço” (DSC 3 – Categoria E – Visão holística: Sujeito 33, Sujeito 22).

6.2.6 O cerrado   natureza boa e bela

O significado de Cerrado para os moradores varia de modo e intensidade, na intera o com este bioma, que percebem ser importante para a manuten o cultural. Como natureza, o Cerrado precisa ser respeitado para não faltar os recursos que trazem benefícios. Neste sentido, Tuan (1980) explica que o histórico cultural, a educa o e o tipo de trabalho influenciam nas preferências ambientais de uma pessoa. Segundo este autor, as visões de mundo em um mesmo ambiente cultural não constituem um todo homogêneo, e as pessoas tendem a ter diferentes atitudes em rela o ao ambiente que compartilham. Tuan explica que

isto ocorre porque os fatores emocionais em relação à natureza tendem a mudar, e o que era desejável, agradável e belo pode se tornar, para alguns, algo indesejável, desagradável e feio. Sobre este contexto pode-se compreender as preferências ambientais no assentamento, onde a representação de Cerrado para alguns moradores é paisagem verdejante repleta de árvores que não pode ser descaracterizada. Se isso acontece, deixa de ser natureza e passa a representar um ambiente pelado, desprovido de sua maior significação, as árvores: “O Cerrado é natureza muito boa, principalmente por causa das frutas que tem. É a natureza. Se não desbravar, se deixar, reflorestar. Acho muito bom demais a natureza. O Cerrado é muito pelado. Antes, tinha mais árvores” (DSC 2 – Categoria F – Natureza: Sujeito 13, Sujeito 32, Sujeito 19 e Sujeito 14).

A percepção que os moradores têm da paisagem é outra maneira que encontram para representar o Cerrado. Demonstram ter uma apreciação mais pessoal e carregada de simbolismo, não precisam caminhar muito para ver a serra, ela envolve o assentamento, pode ser vista emoldurada pela janela de qualquer casa, em qualquer lugar. Mas quando há um contato direto com a paisagem no alto da serra, diminuem as distâncias entre os morros e as colinas, e a sequência dessas geofomas possibilita contemplação e deleite pela visão contínua da serra. Daí, o Cerrado passa a ser representado da seguinte forma: “É bom, é bonito pra mim. Eu não entendo muito de Cerrado. Sou apaixonada por verde. Acho lindo. Tem algumas coisas que a gente come. Já andei em todos os morros. A visão das pedras é uma vista muito bonita. É bom tudo por tudo” (DSC 2 – Categoria G – Beleza cênica: Sujeito 6, Sujeito 9, Sujeito 15 e Sujeito 27).

6.2.7 O Cerrado é diversão

Em outros casos, na concepção de Tuan, o contato físico com a natureza proporciona sensações deleitáveis de que a criança normalmente desfruta, indiferente às regras. Para o adulto desfrutar da natureza de várias maneiras, ele deve ser “complacente e descuidado” como uma criança e romper com as regras que se impõe. Com isso, pode ter as mesmas sensações físicas de uma criança e interagir com a natureza para não criar distância estética.

Para uma minoria de adultos entrevistados, o Cerrado tem sentido lúdico que os faz vivenciá-lo com o corpo e a emoção, em uma mistura de sensação e sentimento. Isto pode ser percebido na fala dos sujeitos quando atribuem significado ao ambiente no qual estão inseridos:

Cerrado significa uma visão. Se quero ver animais, vegetação, pássaros, vou no Cerrado. É diferente da cidade. Aqui, me sinto bem legal, é alegria muita. Pra mim é diversão. De vez em quando, a gente sobe o morro pra rolar pedra, come caju, pequi, pitomba, coco pindoba, cagaita, gema do indaiá, gariroba do indaiá. (DSC 2 – Categoria H –Lúdico: Sujeito18 e Sujeito 25).

6.3 Tipos de relações com o Cerrado

6.3.1 Relação de fruição

O Cerrado no norte de Goiás, se comparado a outras microrregiões do Estado, apresenta relativo índice de conservação dos recursos naturais associados às condições geomorfológicas e pedológicas da região e ao processo histórico de ocupação do território, onde o grau de conservação em que se encontra também está relacionado ao uso que seus fazem do bioma. As práticas de manejo da terra contribuíram para manutenção da riqueza natural do Cerrado (RIGONATO, 2005). Segundo este autor, essa situação é reflexo da identidade cultural, que abarca um conjunto de práticas, crenças e valores que uma comunidade expressa na sua relação com a natureza.

Na comunidade de Rio Bonito, existe um universo de representações construídas na sua relação com o Cerrado que possibilitaram, com a longa permanência na área, a manutenção das crenças e dos valores passados de geração em geração pelos laços afetivos e pelo sentido de pertencer. Na comunidade, as famílias exercem práticas tradicionais de plantios, criação de animais domésticos, a coleta de frutas para complementar a alimentação e extração de plantas para produzir remédios caseiros e de madeiras para os mais diversos fins. Em quase todas as atividades, dependem do Cerrado. A compreensão deste bioma, na maioria das vezes, está atrelada ao tipo de relação estabelecida com o ambiente. Ele pode ser representado pela relação de fruição e pelas relações sustentável, conservacionista e de distanciamento.

Na relação de fruição, o Cerrado traz muitos benefícios à comunidade, satisfazendo necessidades moldadas pelo repertório de significações materiais e imateriais. Isto é expresso da seguinte maneira:

Só tenho que agradecer a Deus, né? Essas frutinhas do Cerrado. É bom demais! Tem o baru, que colhemos agora, bastante mangaba. Tem muito. Tem o indaiá, que também dá pra fazer o telhado e a parede. No meu pensar, o Cerrado serve pra muita coisa. E tem altas frutas também, que servem de alimento. Convivo quando a gente vai pegar baquari, mangaba, jatobá e outras frutas. O Cerrado é bom, porque na época das frutas eu pego. Pego também plantas medicinais. Tem muitas plantas pra fazer raizada. Remédios, óleos das plantas. Arranco as raízes, faço chá, garrafada. O que tira de planta não terá mais. Mas sempre tem muito, não acaba não. De cada

uma (espécie), arranco uma planta (um indivíduo). Plantar (mudas medicinais) do Cerrado não dá. (DSC 3 – Categoria A – Relação de Fruição: Sujeito 19, Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4, Sujeito 5, Sujeito 6, Sujeito 7, Sujeito 10, Sujeito 12, Sujeito 25, Sujeito 16, Sujeito 15, Sujeito 28, Sujeito 30, Sujeito 21, Sujeito 27 e Sujeito 29)

Na relação de fruição, um aspecto que chama atenção é a variedade de frutas listadas: baru, caju, pequi, pitomba, coco pindoba, cagaita, baquari, mangaba, jatobá e indaiá, entre muitas outras. Esta última – uma palmeira abundante no assentamento– é aproveitada por completo: na alimentação usam-se a gema (castanha) e a gariroba (palmito), e as folhas são empregadas para cobrir telhados e paredes e para a construção de casas temporárias. Essas frutas fazem parte do hábito alimentar da comunidade, que de forma religiosa é grata por dispor delas e de outros recursos para a reprodução do modo de vida.

Segundo Tuan (1980), a natureza e a visão de mundo estão estritamente ligadas aos ambientes natural e social. Nestes, a visão das pessoas reflete os ritmos e as limitações da natureza. Neste sentido, a experiência de agricultores com o Cerrado lhes permitiu conhecer as várias espécies nativas utilizadas na produção de remédios caseiros para os mais diversos fins. Algumas das pessoas no assentamento que têm esse conhecimento tradicional procuram estabelecer formas equilibradas de exploração desses recursos:

Tem muitas plantas pra fazer raizada. Remédios, óleos das plantas. Arranco as raízes, faço chá, garrafada. O que tira de planta não terá mais. Mas sempre tem muito, não acaba não. De cada uma (espécie), arranco uma planta (um indivíduo). Plantar (mudas medicinais) do Cerrado não dá. (Sujeito 29)

6.3.2 Relação sustentável

Carvalho (2009) afirma que a concepção de natureza tem vários matizes que, dependendo do contexto cultural, transformam a relação entre os homens e o meio e exercem influência nas percepções e representações que aqueles fazem do ambiente natural. A visão de mundo constrói uma realidade baseada nessas percepções, organizadas em círculos – vicioso ou virtuoso. O círculo vicioso no qual há um movimento contrário à natureza associado ao instinto humano, possui duas faces, uma social e uma subjetiva. Segundo a autora, neste movimento encontram-se a sociedade moderna e seu mundo civilizado, separados da natureza. Por outro lado, no círculo virtuoso, organiza-se uma relação de mútua transformação do homem com a natureza. Carvalho ainda atenta para a nostalgia da natureza intocada possibilitou o surgimento de práticas naturalistas, em que os ambientes naturais passaram a

ser valorizados pela sociedade, em contraposição à violência socioambiental praticada na cidade.

No assentamento de Rio Bonito, existem esses dois tipos de círculos. O virtuoso pode ser encontrado nas pessoas que têm consciência da importância do Cerrado para manutenção da vida arraigada nos valores culturais. Elas estabelecem relações mais sustentáveis com o bioma e têm uma visão clara dos problemas que afetam o ambiente natural:

Não tiramos nada dele. Eu não derrubo. Convivo na maior harmonia, respeitando, preservando, não pondo fogo, não cortando paus. Não vou ali para cortar árvores, arrancar mato, bicho nenhum. Se pego um fruto, não pego todos. Sementes tudo eu jogo no mato. Se tenho mudas, planto. O que atrapalha é o povo que toca fogo no Cerrado. Acaba com a mangaba, o pequi, a cagaita, o jatobá, o caju e muitas outras frutas. Antes o Cerrado produzia coisa demais, mas deixou de dá muita fruta. Deixou de produzir: o fogo. Apesar que a nossa parcela não tem madeira, mas a árvore do cerrado protege. As beiras de rio, principalmente, né. É uma área que as pessoas destrói, mas eu, na minha mente, eles tá destruindo sabendo que tá prejudicando a ele e aos outros também. E tem pessoas explorando madeira aí que tá um trem. Agora, tão acabando com tudo. Tão tirando madeira e vendendo todos os dias. E eu nunca precisei vender um pau pra eu arrumar nada aqui. Tudo o que vocês vê aqui eu consegui arrumar de outras maneiras. Então, eu acho que essas pessoas que alegam isso aí é porque são exploradores mesmo e gosta de destruir tudo, acabar com tudo mesmo. Porque, se o cara quer fazer sem errar, o cara faz. Olha, as pessoas que mais vendem madeira aqui falam que vão viver o resto da vida aqui. Inclusive alguns é filho daqui, do lugar. Mas... eu acho que se o cara vive fazendo coisa errada, ele não tem muito a intenção de viver (aqui) o resto da vida, né, porque, quando você tem a intenção de viver toda a vida, você preserva as coisas. Você, em vez de você destruir, você cria. Então, isso aí, é mais ou menos por aí que eu tento conscientizar o pessoal. Falo: "Rapaz, você tá vivendo hoje, o amanhã não nos pertence, você tem família, você tem filhos, você vai ter netos, e se você não preservar o que tem de melhor aqui, quando os seus netos vier não vai conhecer mais nada, e você contribuiu para acabar com tudo. E eles (os netos) vai falar: 'Pô, eu não conheço isso porque meu avô foi quem acabou com tudo aqui. (DSC 4 – Categoria B - Relação sustentável: Sujeito 1, Sujeito 8, Sujeito 20, Sujeito 22, Sujeito 23, Sujeito 31, e Sujeito 30, Sujeito 8, Sujeito 11, Sujeito 21, Sujeito 14, Sujeito 34 e Sujeito 33)

Na avaliação de Carvalho (2009), no círculo vicioso está uma minoria de comportamento imediatista, que exploram de maneira predatória os recursos naturais sem levar em conta a degradação desses. No assentamento, há pessoas que são contrárias a esse comportamento de alguns vizinhos e têm uma visão crítica sobre eles: “[...] a árvore do cerrado protege. As beiras de rio, principalmente, né. É uma área que as pessoas destrói, mas eu, na minha mente, eles tá destruindo sabendo que tá prejudicando a ele e aos outros também” (Sujeito 14).

Em Rio Bonito, constata-se claramente que o desmatamento pelas queimadas e derrubadas do Cerrado é feito com quatro objetivos: abertura de espaços para criação de gado,

implantação de roçados e extração de madeira para construções nas parcelas de terra e para venda fora do assentamento. À exceção do corte de árvores para uso doméstico, que é pouco frequente e feito em pequena escala, o desmatamento é a principal causa de degradação do ambiente e de ameaça aos recursos naturais.

Sauvé (apud SATO; CARVALHO, 2005) compreende que a cisão entre o homem e a natureza deu origem aos problemas socioambientais e que, por isso, é preciso reconstruir o elo para se estabelecer o sentimento de pertencer à natureza. Para esta autora, a Educação Ambiental (EA) é indutora de uma consciência de que a natureza é o meio pelo qual a humanidade encontra parte de sua identidade como ser vivo entre os seres vivos. A EA também explora a tríade relação entre identidade, cultura e natureza e reconhece a importância dos vínculos “bioculturais” na valorização da diversidade biológica e cultural.

6.3.3 Relação de distanciamento

A relação com o Cerrado pode ser compreendida também pelo distanciamento com que os moradores se referem a um ambiente que parece separado da sua realidade imediata. Essa representação tem a ver com sua percepção, na qual o ambiente próximo à casa não faz parte do Cerrado, este existe na serra, lugar de difícil acesso. Isto fica evidente neste depoimento: "Não convivo. Só passo e olho. A serra é muito alta. Gostaria de ir lá, de conviver, mas a serra é muito alta" (DSC 3 – Categoria C - Relação de distanciamento: Sujeito 26 e Sujeito 12).

No assentamento, muitos moradores, no convívio com o Cerrado, não se dão conta de que se trata de um bioma específico; para eles, é apenas mata, capoeira. Quando solicitados a falar sobre o Cerrado, eles o identificam com a vegetação que recobre os morros e a serra, e não com a de Cerrado existente também nas terras baixas. Ou seja, os assentados personificam o Cerrado como sendo a paisagem dos terrenos elevados.

6.4 Resultados

Neste trabalho, a pesquisadora entra no universo de moradores de um assentamento rural para entender as percepções e inter-relações dessa população como lugar e com o Cerrado. A pesquisa realizada in loco encontrou os elementos simbólicos e os concretos que possibilitaram aos moradores fazer a construção e a reconstrução identitárias, estabelecer vínculos afetivos com o lugar e reproduzir modos de vida que adotavam antes de se tornarem assentados da reforma agrária. Um olhar atento ao cotidiano da comunidade e ao seu conhecimento empírico da realidade, que advém da vivência direta com o bioma, permitiu identificar os processos pelos quais as pessoas experienciam o ambiente.

O resultado da pesquisa revela que 70% dos moradores entrevistados adquiriram um forte sentimento de pertencimento ao lugar (Gráfico 2), mas 15% estão insatisfeitos com a precariedade da infraestrutura e com os serviços prestados pelo poder público no assentamento. Essa situação mantém a maioria em uma economia de subsistência extraída de roçados e pecuária em pequena escala e os demais buscando alternativas de renda, alguns em atividades fora de Rio Bonito e outros até com venda ilegal de madeira, como foi relatado no DSC 4 – Categoria B – Relação sustentável.

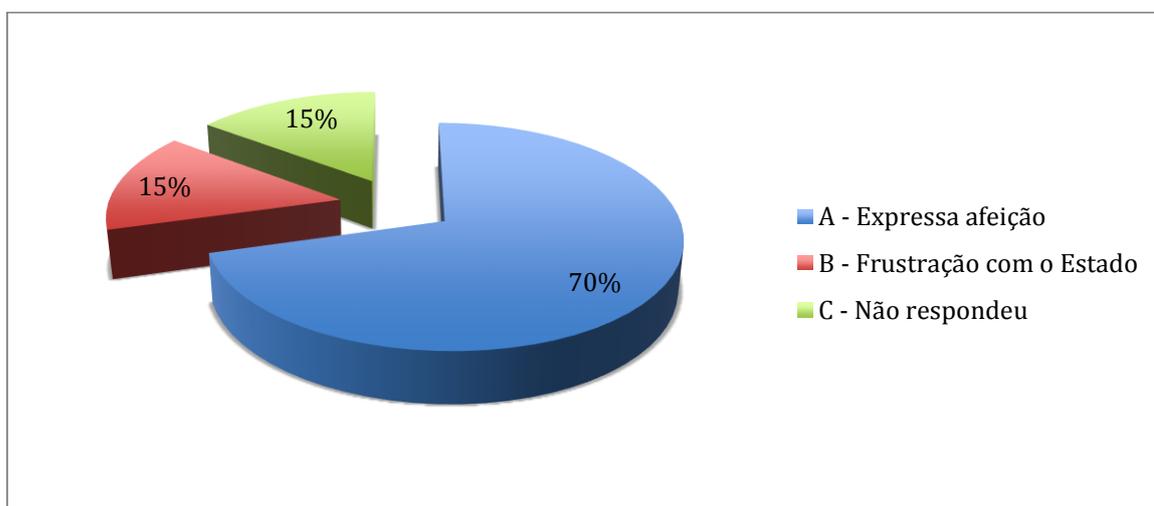


Gráfico 2 – Significado de lugar.

Fonte: A autora.

Essa insatisfação com a precariedade da infraestrutura não impede que moradores demonstrem disposição e entusiasmo com a vida em Rio Bonito. Dos entrevistados, 47% externaram um forte sentimento de pertencimento ao lugar (Gráfico 3). Isso mostra que os assentados vivenciam o ambiente de forma direta, pois 26% fazem questão de ressaltar que têm raízes em áreas rurais, trazem consigo a tradição do cultivo da terra e nele pretendem persistir. Disseram identificar-se com o lugar 15% das pessoas ouvidas na pesquisa, percentual que compreende as procedentes de outros lugares. Os 12% restantes dividem-se entre mulheres (6%) que estão no assentamento para acompanhar o marido e pessoas (6%) que não responderam.

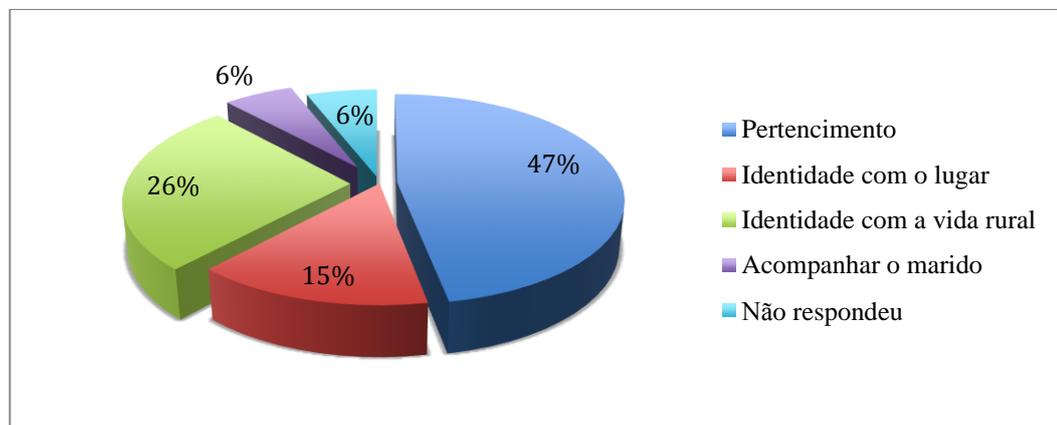


Gráfico 3 – Relação com o lugar.

Fonte: A autora.

Foi constatado que a maioria tem fortes vínculos com o lugar, mas as suas formas de interação com o Cerrado são distintas (Gráfico 4): do total das pessoas entrevistadas, 22% disseram que se preocupam com a conservação do ambiente natural (reserva), porém sem conhecimentos ou condições para promovê-la; há 13% que não se preocupam com o assunto e acham que o Cerrado nada representa além um lugar para a produção. Outros 13% se referem a aspectos como paisagem, natureza, lugar de viver e de lazer. No entanto, uma consciência ambiental mais consequente não chega a ser ainda predominante entre os assentados. Já a identidade com o lugar é expressa por 15%, segmento em que predominam moradores que não nasceram em Rio Bonito mas ali estão desde a infância ou adolescência. Finalmente, em se tratando de um assentamento rural destinado à reforma agrária, surpreende o pequeno número de moradores que declaram (espontaneamente) identidade com a vida rural (26%).

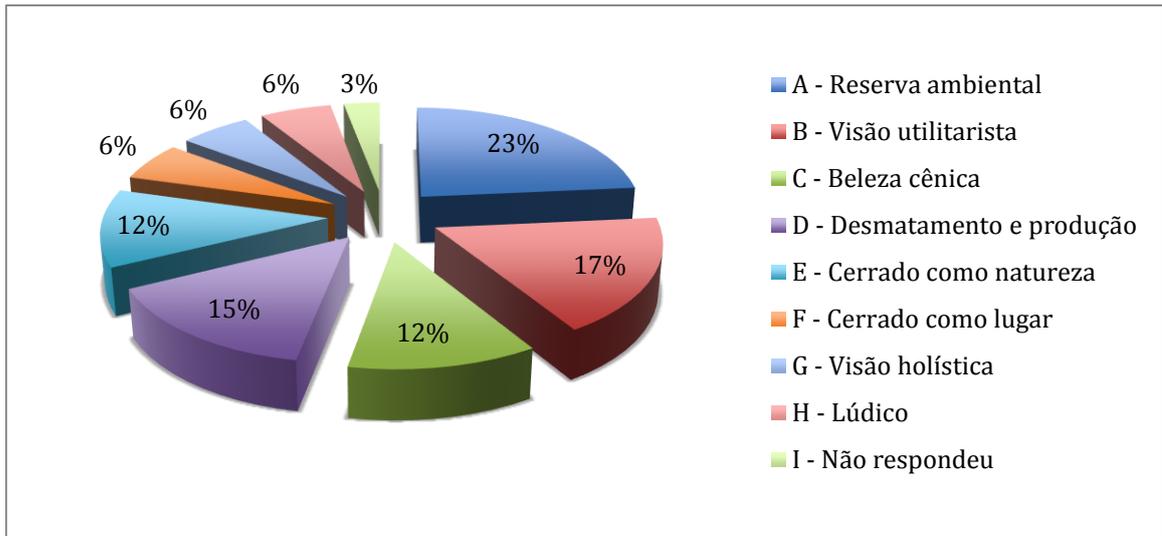


Gráfico 4 – Significado de Cerrado.

Fonte: A autora.

As representações identificadas no assentamento deixam evidente que, para a maioria das pessoas entrevistadas, o significado mais imediato do Cerrado está diretamente associado à riqueza de recursos naturais (Gráfico 5), ou seja, 59% dos moradores entendem este bioma como mantenedor da vida. Nas outras formas de interação, o total de pessoas que, pelas respostas, indicaram que mantêm com o Cerrado uma relação sustentável foi de 32%. Em ambos os casos, as respostas foram dadas com base nas vivências das pessoas com o Cerrado, pois elas demonstram não possuir uma conceituação específica para o ambiente natural nem estão inteiramente conscientes da complexidade do bioma.

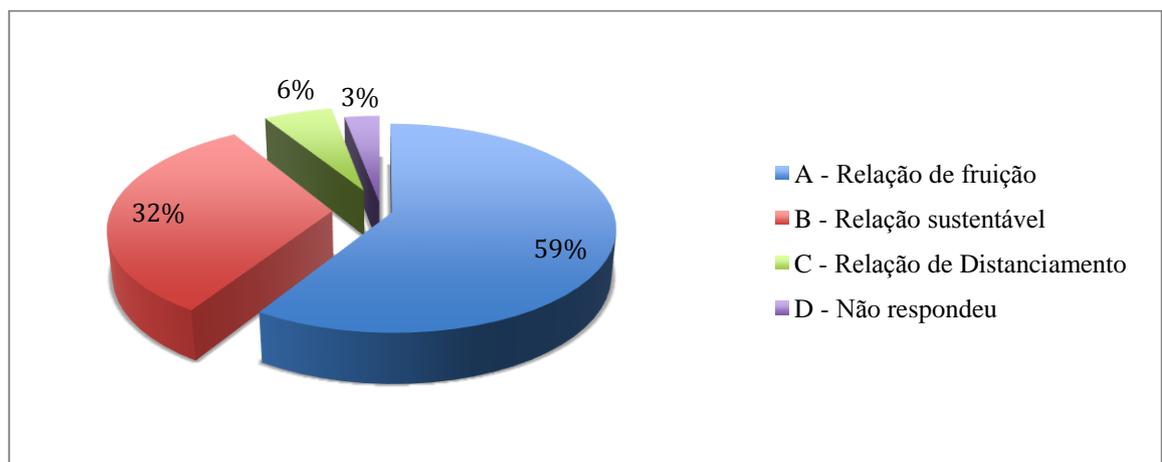


Gráfico 5 – Relação com o Cerrado.

Fonte: A autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas formas de representação da comunidade com o Cerrado evidenciam como os moradores se apropriam e interagem com este bioma. Em sua maioria, eles estabelecem uma relação de fruição e têm uma visão utilitarista, de aproveitamento do solo para agricultura e pecuária e de extração de madeira para construção. Na prática, aceitam que uma parte do Cerrado seja removida, porque a economia de subsistência precisa de espaços para o plantio e para a criação de gado em pequena escala. Há também os que têm o Cerrado como um lugar de coleta de muitas frutas e de plantas medicinais. Verificou-se, com isso, que este ambiente é de suma relevância para essas pessoas, na medida em que são beneficiadas e podem usufruir dos recursos naturais que o ambiente apresenta. Por outro lado, um segmento mínimo da comunidade considerou o Cerrado irrelevante para reproduzir modos de vida diversos, e alguns assentados até – sem declará-lo expressamente – vendem madeira, retirada da reserva legal, sem se preocupar com o replantio. Essa é, na visão imediatista dessas pessoas, uma atitude que se impõe para amenizar a situação precária em que vivem.

A pesquisa constatou que nessa cultura dos moradores podem ser identificados três conceitos que definem as relações deles com o Cerrado: o Pertencimento, a Topofilia e as Representações Sociais (RSs). Em relação ao primeiro desses conceitos, que diz respeito à identificação dos assentados com o lugar, verificou-se que esse sentimento é comum a quase metade deles. Já no quesito Topofilia, que se refere à percepção e à afinidade que os moradores têm com o ambiente, mais de dois terços expressam afeição pelo lugar. Quanto ao terceiro conceito, em que se inclui a vivência que possibilita às pessoas construir uma realidade compartilhada, foram identificadas oito diversificadas RSs, entre as quais se destacam a visão do Cerrado como reserva ambiental e a utilitarista.

Os moradores, ao se referirem à presença de outros pesquisadores no assentamento, expressam expectativas positivas, mas fazem a ressalva de que, na prática, esses trabalhos pouco significaram em termos de benefícios para a comunidade. Alguns demonstram certo ceticismo, avaliando que alunos de instituições acadêmicas costumam ter por objetivo ser aprovados nos cursos. “Depois, esquecem da gente”, dizem.

Em relação a representantes de órgãos públicos, o que predomina entre os assentados, como se constatou nas conversas, é a insatisfação. Eles reclamam da dificuldade em conseguir apoio financeiro para a produção, da demora dos governos estadual e municipal em providenciar serviços básicos no assentamento, como estradas, rede de energia e ampliação do curso na escola local. Do governo federal, queixam-se de morosidade do INCRA em conceder

a titularidade oficial das terras aos assentados. Falam bem dos muitos cursos que lhes são oferecidos por órgãos públicos e Organizações Não Governamentais (ONGs), mas sempre observam que colocar em prática aquilo que apreendem é difícil, por causa da precariedade da infraestrutura no assentamento.

O presente trabalho constata também que o projeto do assentamento deu início a um processo de solução do problema social que é a dificuldade de acesso à terra, mas não teve a preocupação de oferecer às pessoas condições de proteção à biodiversidade do Cerrado nem de evolução das precárias condições socioeconômicas locais. Sem generalizar, é possível afirmar que assentamentos como o analisado aqui são implantados de forma burocrática e não dão prioridade à sustentabilidade.

A situação precária de muitas famílias do assentamento, sem infraestrutura e com escassa assistência do poder público, é um fator que pode favorecer a degradação dos recursos naturais, como solo e água, e influir negativamente na relação das pessoas com o ambiente. No momento, esses recursos já estão potencialmente ameaçados na medida em que o Cerrado vem perdendo espaço com o desmatamento e a erosão do solo. O que pode ajudar a evitar a degradação é o fato de chegar 88% o total de moradores que declaram ter afeição pelo lugar, pertencimento ao ambiente e identidade com o local e com a vida rural. Além disso, a maioria dos entrevistados declara ter com o Cerrado relações (30%) e sustentável (29%).

Por isso, órgãos públicos e instituições acadêmicas precisam levar em conta as representações sociais da comunidade para poder atuar de modo a promover uma adesão maior aos projetos. Um dos caminhos para se alcançarem as metas de um projeto comunitário ou de extensão, no assentamento, é aprofundar o conhecimento do modo próprio e único da comunidade de viver e se expressar. A Educação Ambiental (EA) é também um importante instrumento de transformação cidadã que poderia fazer parte da constituição de assentamentos formando agentes ambientais na comunidade. Não é o que acontece em Rio Bonito. O analfabetismo e o baixo índice de escolaridade de jovens, adultos e idosos dificultam um processo de transformação. No entanto, esses entraves podem ser superados se o poder público criar condições de alfabetização para as pessoas dessas faixas etárias.

Os dados levantados neste trabalho podem servir de subsídio para outros, que tenham como foco a interação de comunidades com seus respectivos biomas, e para pesquisas com abordagem socioambiental. Neste sentido, a relevância desta pesquisa reside no seu direcionamento à comunidade, trazendo à luz uma leitura possível de suas percepções e representações. Trabalhos do mesmo gênero podem propor formas de superação do descontentamento e das frustrações encontradas em lugares como Rio Bonito. Ficou evidente,

por exemplo, que é necessário neste assentamento um trabalho de educação ambiental, capaz de mobilizá-las no sentido de reivindicar junto ao poder público os recursos e os equipamentos necessários a um processo de desenvolvimento da produção sem prejuízo para o ambiente.

As declarações feitas pelos moradores durante a realização da pesquisa deixam claro que muitos deles possuem o senso de pertencimento, e este é um dos fatores que podem ajudar na conservação do Cerrado. De modo geral, a convivência permite a construção de vínculos identitários das pessoas com o lugar, e estas lhe atribuem valores e significados. Esse senso de pertencimento possibilita, por exemplo, que sejam criadas redes de solidariedade entre os moradores, relacionadas às atividades rurais, religiosas e lúdicas. No entanto, o sentir-se pertencer não quer dizer que o ambiente rural esteja imune aos conflitos de ordem interna e externa causados principalmente por desmatamento, degradação ambiental e deficiência de políticas públicas. Tampouco está imune às transformações espaciais, por meio das quais a separação das dimensões lar e trabalho passam a ter diversos significados (moradia, lazer, conservação ambiental e atividades não agrícolas), impondo um novo arranjo às relações sociais dos moradores.

Os relatos deram a dimensão da riqueza em recursos naturais e humanos existentes no assentamento, mas a distância em que se encontram os moradores de terem acesso à cidadania é um indicador que deriva de uma condição de isolamento e da omissão do poder público.

A gestão pública e a produção acadêmica precisam levar em conta as representações sociais da comunidade para poderem promover uma adesão maior aos projetos de extensão universitária e aos programas governamentais. De modo geral, tanto a gestão pública quanto à acadêmica têm um conceito previamente definido sobre o ambiente em que atuam com base em modelos teóricos, enquanto o que faz a comunidade é vivenciar plenamente o ambiente. Pesquisadores e gestores externos ao assentamento fariam bem em procurar entender o universo real do homem do campo, perceber que este vive em um universo próprio, em vez de pretender enquadrá-lo em suas teorias e visões de mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, v. 2, n. 3, 2003.

ARRUDA A. Pesquisa em Representações Sociais: a produção em 2003. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Orgs.). **Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.

_____. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v.117, n.127, p. 127-147, 2002.

AZEVEDO, G.C. Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Porto Alegre, 2004.

BUSCHBACHE, R. **Expansão agrícola e perda da biodiversidade no cerrado: origens históricas e o papel do comércio Internacional**. Ed. WWF-Brasil, 2000. Série Técnica.

CANUTO, A. Para outra compreensão e ressignificação da Reforma Agrária. **Comissão Pastoral da Terra**, Goiânia. 34, n. 198, 2009.

CARVALHO, I. C. M. Educação, natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. In: ZARZKZEVSKI, S.; BARCELOS, V. **Educação ambiental e compromisso social: pensamentos e ações**. Erechim, RS: Ed. Edifapes, p. 163-171, 2004.

_____. Paisagem, historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza. **Confluente – Rivista di Studi Iberoamericani**, v. 1, n. 1, 2009.

COUTINHO, L. M. O cerrado e a ecologia do fogo. **Ciência Hoje**, v. 12, n. 88, p. 23-30, 1990.

_____. O conceito de cerrado. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 1, p. 17-23, 1978.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB, USP, 2001.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 2. ed. Brasília, 2006.

FERRANTE, V. L. S. B. Assentamentos rurais: ações coletivas na contramão das idealizações do Estado. **XXIV Encontro Anual da ANPOCS, GT 14 – Processos e Movimentos Sociais no Campo Sessão: Atores sociais e ação coletiva**– UNESP/Araraquara, p. 14, 2000a.

_____. Experiências recentes de reforma agrária no Brasil: a sustentabilidade (re) construída? Retratos de Assentamentos, Araraquara, NUPEDOR – Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural e Programa de Pós Graduação em Sociologia FCL – UNESP/Araraquara, **Cadernos de Pesquisa**, a. VI, n. 8, p. 7-18, 2000b.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. Adm. Empres.**[online], v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

INCRA –INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, Superintendência Regional do Distrito Federal e Entorno SR -28, DF, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. Conservation of the Brazilian Cerrado. **Conservation Biology**, v. 19, p. 707-713, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes: para a construção de uma pedagogia ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, UFPR, n. 16, p. 11-19, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/11901/8397>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

LESTINGE, S. R. **Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento**. 2004. Tese (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, 2004.

MACHADO, L.M. C. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como paisagem e como lugar. In: OLIVEIRA, L.; DEL RIO, V. (Orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Editora Studio Nobel, p. 97-120, 1996.

MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a geografia humanista do Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, p.5-20, 2010.

MINAYO, M. C. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.

_____. SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública** (online), Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOCELLIM, A. D. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. Comissão Editorial. PLURAL. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p.105-125, 2011.

MOSCOVICI, R. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2003.

OLIVEIRA, L.; XAVIER, H. A percepção e a representação do espaço geográfico. **Revista Pedagógica**, v. 54, 1991.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

_____. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Ed. Brasiliense, p. 292, 1994. Coleção Primeiros Passos.

RIGONATO, V. D. A dimensão sociocultural das paisagens do Cerrado goiano: o distrito de Vila Borba. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

_____. ALMEIDA, M. G. A singularidade do Cerrado: a interrelação das populações tradicionais com as fitofisionomias. EREGEO: **Encontro Regional de Geografia: a geografia no mundo da diversidade**, 2003. 8 v.

SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Coord.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SANO, E. E.; ROSA, R.; BRITO, J. L. S.; FERREIRA, L. G. **Mapeamento do uso do solo e cobertura vegetal – bioma Cerrado: ano base 2002**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – Secretária de Biodiversidade e Florestas, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.

_____. O retorno do território. **Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, a. 6, n. 16, jun. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEAGRO. Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Irrigação – **Plano de Recuperação do Projeto de Assentamento – PRA – Rio Bonito/Órfãos**. Cavalcante. GOIÁS, 2009.

SEMARH. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – **Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto (APA do Pouso Alto)**. Disponível em: <<http://www.semarh.goias.gov.br/site/conteudo/area-de-protecao-ambiental-do-pouso-alto-apa-do-pouso-alto>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

SILVA, J. G.; DEL GROSSI, M. E. O novo no rural brasileiro. **Debates Sócio Ambientais**, São Paulo, v. VI, n. 14, p. 16-18, 2000.

SILVA, C. R.; FERRANTE, V. L. S. B. Patrimonialidade ambiental e pertencimento em assentamentos rurais: Reflexões e indicadores de pesquisa. **Cadernos CERU**, v. 20, n. 2, p. 67-85, 2009.

SOARES, V. S. **Configuração sócio-espacial no norte de Goiás: o caso de Porangatu**. Goiânia: UFG, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

TUAN, Y-F. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VALA, J. Representações Sociais - Para uma Psicologia Social do pensamento social. In: ____.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia Social.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VELASCO, A; VASCONCELOS, W. **Relatório:** Projeto de Pesquisa-ação: Rio Bonito. Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN, 2011.

XAVIER, R. Representação Social e ideologia: conceitos intercambiáveis? **Psicol. Soc.** [Online], v. 14, n. 2, p. 18-47, 2002.

WEISS, R. Estado, sociedade civil e indivíduo na teoria política de Durkheim. **Limites da democracia,** Recife. UFPE, p. 245-258, 2008.